

AS DOUTORAS
Comédia em quatro atos

PERSONAGENS

MANUEL PRAXEDES	55 anos
DOUTOR PEREIRA	25 anos
BACHAREL MARTINS	28 anos
GREGÓRIO, <i>doente</i>	
MARIA PRAXEDES	58 anos
DOUTORA LUÍSA PRAXEDES	24 anos
BACHARELA CARLOTA DE AGUIAR	23 anos
EULÁLIA, <i>criada</i>	50 anos
DIRETORA DO GRÊMIO FEMINIL SACERDOTISAS DE EUTERPE	
PRIMEIRA DOENTE	
SEGUNDA DOENTE	
TERCEIRA DOENTE	

Sócias do Grêmio, banda de música, povo, etc.

Rio de Janeiro — Atualidade.

1887

ATO PRIMEIRO

Uma sala elegantemente mobiliada.

CENA I

MANUEL PRAXEDES, EULÁLIA, MARIA PRAXEDES e DOUTORA PRAXEDES

MANUEL PRAXEDES (*Entrando pela porta da direita de calça e colete pretos, gravata branca, em mangas de camisa e segurando a casaca.*) — Eulália! Eulália!

MARIA (*Falando dentro.*) — Oh! Eulália?

EULÁLIA (*Entrando apressada.*) — O que é, meu amo? Esta casa hoje está impossível, não sei para onde me virar.

MANUEL — Onde meteste a minha escova de roupa? Que horas são? Onde está a senhora? O carro já veio?

LUÍSA (*Falando dentro.*) — Eulália!

EULÁLIA — Lá está a outra a chamar-me! Jesus, fico doida!

MANUEL — O que direi eu então? O dia da formatura de minha filha.

MARIA (*Dentro.*) — Eulália!

MANUEL (*Segurando a mão de Eulália que quer sair.*) — A Luísa, lembras-te? Aquela criança que ainda ontem saltava no meu colo em fraldinhas de camisa, com as bochechas rosadas!

EULÁLIA — Pois não me hei de lembrar, meu amo! Parece-me que estou a vê-la a dizer adeus à gente com os dedinhos miúdos, assim (*Imita.*) Ai! que gracinha!

MANUEL — Pois bem. (*Caindo num choro convulso.*) — Aquela criancinha, Eulália, é hoje a Doutora Luísa Praxedes, formada em ciências médicas e cirúrgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (*Mudando de tom.*) Vai buscar a escova.

MARIA (*Entrando de vestido decotado e flores na cabeça, a Eulália.*) — Pois eu estou lá dentro a chamar-te há mais de meia hora...

EULÁLIA — O culpado foi meu amo.

MARIA — Vai ver o que quer a Luisinha. (*Eulália sai.*)

CENA II

OS MESMOS, *menos* EULÁLIA

MANUEL — Luisinha! Luisinha!... A senhora é incorrigível.

MARIA — Como acha então o senhor que devo tratar a minha filha?

MANUEL — A Doutora Luísa Praxedes. A doutora, sim, senhora! A mim parece-me também um sonho; mas é o título a que ela tem direito, que foi ganho à custa do seu trabalho e que é uma honra para a família e para a sociedade.

MARIA — Havemos de ver em que dá tudo isto.

MANUEL — Há de dar em alguma coisa que a senhora com as suas vistas curtas não pode enxergar. (*Vestindo a casaca.*) Onde diabo está a manga desta casaca?

MARIA — Tens adiantado muito com as tuas vistas largas.

MANUEL (*Sem conseguir vestir a casaca.*) — Maldita manga...

MARIA — Em todas as empresas em que te meteste tens dado com os burros n'água. Logo que nos casamos montaste uma grande fábrica de papel.

MANUEL — E não era uma boa idéia?

MARIA — Segundo os teus cálculos; mas o papel que fizeste foi tão ordinário que nem para embrulho o quiseram.

MANUEL — Fui infeliz, fui. Mas quem é que não erra? Afianço-te porém, que se eu conseguisse fazer ali alguma coisa, estava hoje com um fortunaço.

MARIA — Tão grande como o que ganhastes com a exploração de mariscos, na linha de bondes para o Morro do Nheco, na iluminação de Valença à luz elétrica...

MANUEL — Isto prova, senhora, que sou um homem do progresso, que amo a minha pátria, que quero vê-la prosperar, engrandecer. (*Sem encontrar a manga.*) Que diabo, não me dirás onde é que se meteu esta manga? (*Maria ajuda-o a vestir a casaca.*) E a prova do meu patriotismo está nesta menina, laureada hoje com um título.

MARIA — Bem contra a minha vontade.

MANUEL — Bem contra a sua vontade, compreende-se; porque a senhora foi criada em uma casinha de rótula e janela na rua do Aljube...

MARIA — Onde recebi a educação a mais brilhante que se poderia ter naquele tempo. O que Luisinha, ou antes, o que a Doutora Luísa Praxedes sabe de francês, de inglês, de desenho e sobretudo de música, deve-o a esta sua criada. Parece-me que não te casaste com uma analfabeta!

MANUEL — Sim, mas tudo quanto sabes foi aprendido no tempo das bananas a três por dois, do toque do Aragon, das vilegiaturas em Mataporcos, das toalhas de crivo, do junco do pedestre... Tempos em que o Rio de Janeiro era iluminado a azeite de peixe.

MARIA — Mas em que as mulheres não se lembravam de ser doutoras e limitavam-se ao nobre e verdadeiro papel de mães de família.

MANUEL — Já tardava que não viesses com o chavão... a mãe de família. É sempre a figura de

retórica já muito cheia de bolor com que o carrancismo pretende esmagar no nascedouro as aspirações grandiosas da emancipação do sexo feminino.

MARIA — É por estas e outras que tudo chegou ao estado de desorganização em que vivemos.

MANUEL — Isto que a senhora chama desorganização...

MARIA — É a ordem, talvez?

MANUEL — Não é a ordem ainda, mas é a evolução da qual muito naturalmente ela há de surgir. O papel da mulher de hoje não é o da de ontem. Aquelas criaturas que viviam em casa trancadas a sete chaves, pálidas, anêmicas, de perna inchada, feitorando as costuras das negrinhas, começam por honra nossa, a ser substituídas pela verdadeira companheira do homem, colaborando com ele no progresso da grande civilização moderna. Nós, os homens, temos a política, a espada, as letras, as artes, as ciências, a indústria... Por que razão seres organizados como nós, mais inteligentes até do que nós, haviam de se mover eternamente no acanhado círculo de ferro do dedal e da agulha?

MARIA — Porque basta-nos o amor.

MANUEL — Mas a prova, senhora, de que o amor está no programa de vida da mulher moderna, é o casamento de nossa filha, hoje, no dia de seu grau, com o Doutor Pereira, seu colega de banco na Academia.

MARIA — E entra, por acaso, o amor na união de Luísa com este homem?

MANUEL — Certamente.

MARIA — Olha, Praxedes, podes gastar toda a tua retórica, mas nunca me convencerás de que o Doutor Pereira e Luísa se amem! Acompanho-os há seis anos nas aulas, no anfiteatro, nos hospitais, nos exames...

MANUEL — E que tem isto?

MARIA — Nunca nos lábios daquelas duas criaturas ouvi a palavra amor. Sempre entre eles, como que a separá-los, a medicina, a cirurgia, a terapêutica, o diagnóstico, a hematose, a diátese, a idiossincrasia, a cefalalgia, os emolientes, os tônicos, a patologia e toda esta série de nomes arrevesados que me ficaram no ouvindo à força de ouvi-los repetir constantemente. Esse sentimento que faz de dois corações um só!...

MANUEL — Aí vem a pieguice.

MARIA — Sim, esta pieguice sublime nunca poderia nascer e desenvolver-se naquele meio infecto de moléstias hediondas ou diante do sangue coagulado de órgãos putrefatos expostos em indecente nudez.

MANUEL — Bravo! No fim de contas, parece-me que em vez de uma, tenho duas doutoras em casa. Falta-te só o grau.

MARIA — O que me falta sei eu, é a energia bastante para não ter consentido que as coisas chegassem a este ponto. (*Vai a sair.*)

MANUEL — Mas, vem cá Maria Praxedes, pensas tu, porventura, que os casamentos hoje fazem-se como foi feito o nosso?

MARIA — Os casamentos, em todos os tempos, são feitos do mesmo modo.

MANUEL — O namoro de passar pela porta, piscar o olho; levar com a janela na cara, a loja do barbeiro da esquina como centro de operações, o bilhete cheirando a almíscar, os olhos requebrados, o descante de violão: meu bem, meu amor, minhas candongas... tudo isso acabou... O que há presentemente...

MARIA — É o pedido entre o diagnóstico de um catarro crônico e a aplicação de um vesicatório ou de uma cataplasma de linhaça... Já sei, já sei.

MANUEL — O que há presentemente é o casamento-contrato, isto é, o casamento propriamente dito como ele deve ser. O móvel de dois seres que se ligam é a conveniência.

MARIA — Então conferras com todo o cinismo que o casamento de Luísa...

MANUEL — Confesso...

MARIA — Mas onde está a fortuna do Doutor Pereira? Os pais são pobres... Forma-se hoje...

MANUEL — E a senhora sem querer compreender nada, a confundir tudo! O casamento de conveniência, sob o ponto de vista da evolução atual...

MARIA — Já tardava a evolução...

MANUEL — Quer ou não quer ouvir-me?

MARIA — Fale.

MANUEL — O casamento de conveniência, sob o ponto de vista da evolução atual, não é o casamento de dinheiro. O homem sem ofício nem benefício que se liga a uma mulher de fortuna para viver à custa do que ela tem, deveria ser expulso da comunhão civilizada. O verdadeiro casamento de conveniência que é a aspiração da Idéia Nova e de que a minha filha vai ser o exemplo edificante, consiste na união de dois seres, tendo cada um o mesmo modo de vida, a mesma profissão. O marido trabalha, a mulher trabalha.

MARIA — É uma sociedade comercial.

MANUEL — Sim, mas vê o alcance enorme desta sociedade. Não é só a formação do pecúlio do casal, mas muito principalmente o desenvolvimento das classes, a seleção delas. O marido médico, a mulher médica... todos os filhos médicos... O marido advogado, a mulher advogada...

MARIA — Toda a prole bacharela em direito.

MANUEL — Justamente. O pintor ligar-se-á à pintora e desta união sairá uma família de pintores. Não vês o que a imprensa costuma dizer quando trata de um sujeito que faz alguma obra de arte importante? — “É um artista de raça!” Pois bem, esta frase vai deixar de ser doravante uma figura de retórica. Vamos ter médicos de raça, advogados de raça, a sociedade enfim toda de raça, desenvolvida e aperfeiçoada nos diversos ramos da sua vasta atividade. Compreendeste agora o alcance filosófico, político, moral e social deste casamento? Eis porque estou aqui radiante de alegria, cheio de emoções, quase doido.

MARIA — Podes tirar o “quase”.

CENA III

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA — A menina já está prontinha, meus amos.

MANUEL — A menina, não, Eulália.

EULÁLIA — Desculpe-me, meu amo, a Senhora Doutora Luísa Praxedes já pôs aquela vestimenta. Como é que se chama aquilo?

MANUEL — Beca.

EULÁLIA — Está muito engraçada! Ai! que reinação! Eu sempre punha-lhe uma anquinha ou um *puff*: para armar mais a saia.

MANUEL — Ela está contente, Eulália?

EULÁLIA — Muitíssimo, meu amo. Assim que eu lhe vesti a tal *seca*...

MANUEL — Não é *seca*, é beca.

EULÁLIA — Como é mesmo?

MANUEL — Beca.

EULÁLIA — Olhem só o diabo do nome, beca! Pois assim que lhe vesti aquilo começou a passear de um lado para outro, no quarto... Assim, olhe... (*Imita.*) muito séria. Parecia, mal comparando, o taverneiro ali da esquina, quando põe a casaca e a comenda.

MARIA — Está bem, está bem. Em vez de estar aí contando histórias é melhor que vá tratar do

arranjo da casa.

EULÁLIA — Do arranjo da casa! Ora esta. Pois quem é que tem tratado disso até agora senão eu?

MARIA — Não responda, Eulália, vá.

EULÁLIA — Hei de responder, sim senhora. Estou aqui desde que cheguei da terra, há 25 anos e creio que a patroa não pode ter razão de queixa de mim.

MARIA — Certamente.

EULÁLIA — Enquanto a senhora andava o dia inteiro no meio da rua acompanhando a menina por toda a parte, eu ficava aqui a pé firme, como um cão de fila guardando-lhe a casa e a bolsa. A bolsa, sim senhora, porque se não fosse a Eulália dos Prazeres da Conceição de Maria, filha da Engrácia da Porcalhota e do Manuel Tibúrcio, que Deus haja, a senhora era depenada por toda essa súcia de criados que entravam numa semana com as mãos abanando e saíam na outra levando tudo quanto pilhavam.

MANUEL — Tens razão, Eulália.

EULÁLIA — Que tenho razão, sei eu! Meu amo, não sabe da missa nem a metade.

MANUEL — Vai buscar a escova.

EULÁLIA — Olhe, quer ver como eu puxava pela *fisiolostría* da inteligência como diz o Antônio da venda, para não ser embaçada pelos tais criaditos?

MARIA — É a história do açúcar? Já a conheço de cor e salteada.

MANUEL — Vai buscar a escova.

EULÁLIA — E não era bem lembrada? Eles roubavam o açúcar, o que fazia eu?... Apanhava uma mosca, (*Fazendo menção de quem apanha uma mosca.*) abria o açucareiro, zás... (*Menção de atirar.*) e tampava-o com todo o cuidado. De vez em quando ia verificar se a mosca ainda lá estava... Não é bem lembrado, meu amo? Aprendi isto na casa de um visconde no Porto.

MANUEL — Está bem, vai buscar a escova.

EULÁLIA — Na manteiga também não me passavam a perna. Fazia-lhe em cima com a faca uma porção de rabiscos. (*Batem à porta.*)

MANUEL — Estão batendo. Vai ver quem é. (*Eulália sai. Para Maria.*) Eu vou lá dentro escovar-me. Esta maldita rapariga quando começa a falar... (*Sai.*)

CENA IV

EULÁLIA, MARIA e o DOUTOR PEREIRA

EULÁLIA (*Rindo.*) — Ah! Ah! Ah!

MARIA — O que é isto, Eulália, estás doida?

EULÁLIA — Ah! Ah! Ah!

MARIA — Quem está aí?

EULÁLIA — O Senhor Doutor Pereira de saias. Ah! Ah! Ah!... Minha ama não imagina como está engraçado! Olhe, aí está ele. (*O Doutor Pereira entra.*) Ah! Ah! Ah!...

MARIA — Eulália, passa para dentro.

DR. PEREIRA (*A Eulália.*) — Não me conhecias?

EULÁLIA — Pois eu podia imaginar que era o noivo da menina! Ah! que reinação! Ah! Ah!
Ah!

MARIA (*Empurrando Eulália para dentro.*) — Está bem, vai para dentro. (*Eulália sai.*)

CENA V

MARIA, DOUTOR PEREIRA e LUÍSA

DR. PEREIRA (*Com alguns folhetos.*) — O Doutor Martins ainda não veio?

MARIA — Ainda não.

DR. PEREIRA — A cerimônia do grau está marcada para o meio-dia...

MARIA — Devem ser nove horas apenas. Aí vem Luísa.

DR. PEREIRA (*A Luísa que entra e apertando-lhe a mão.*) — Colega!

LUÍSA (*Apertando a mão a Pereira.*) — Colega!

MARIA (*À parte; imitando-os.*) — Colega! Colega!... E ali estão dois noivos!

LUÍSA — Que folhetos são esses?

DR. PEREIRA — São exemplares da minha tese que pretendo distribuir por alguns amigos que vão assistir ao grau.

LUÍSA — Ah! é verdade! Sabe que esta noite fui chamada para ver um doente de febre amarela.

DR. PEREIRA — Caso grave?

LUÍSA — Gravíssimo. Termômetro a 41 graus, ansiedade epigástrica e todo o aparato para romperem-se as hemorragias; compreende o colega a dificuldade de uma terapêutica apropriada para debelar-se o mal cuja patogenia é ainda desconhecida.

DR. PEREIRA — Patogenia desconhecida! Pois a colega não tem notícia do *cryptococcus xantogenicus*...

LUÍSA — O *cryptococcus*... o *cryptococcus*...

MARIA (*À parte.*) — Parece incrível! Isto contado ninguém acredita.

DR. PEREIRA — O *cryptococcus* sim; revelado pelo microscópico nos luminosos trabalhos do Doutor Freire. Não sei como se possa ignorar os efeitos da vacinação pela cultura atenuada.

LUÍSA — Mas quem lhe disse que eu ignoro?

DR. PEREIRA — Pelo menos a colega...

LUÍSA — O que eu sustento, com os conhecimentos profundos que tenho da matéria é que esta teoria microbiana, tratando-se de febre amarela, pode ser quando muito uma aspiração do futuro.

DR. PEREIRA — Uma aspiração do futuro, quando o presente nos está demonstrando todos os dias a verdade!

LUÍSA — Ora! colega!... Leia os trabalhos de Stenberg, de Gibier e convença-se de que na clínica mais vale a sintomatologia do que teorias abstratas.

DR. PEREIRA — Abstratas, não; tenha paciência.

LUÍSA — Abstratas sim; porque não receberam a sanção das autoridades da nossa ciência.

DR. PEREIRA — Mas foram aplaudidas pela Sociedade Dosimétrica de Paris.

LUÍSA — Não foram tal.

DR. PEREIRA — Foram, sim, senhora.

LUÍSA — Não foram.

DR. PEREIRA — Foram.

MARIA (*Colocando-se entre eles.*) — Não acham que este *cryptococcus xantogenicus*, na sua qualidade de micróbio, pode infeccionar dois corações que daqui a pouco terão de se unir à face da igreja e que aí deverão aparecer sem rancores, sem azedumes, unidos de mística poesia?

LUÍSA — Aí vem mamãe com a sua poesia.

DR. PEREIRA — Os nossos corações, Senhora Dona Maria Praxedes, não têm rancores nem azedumes. Estamos apenas discutindo um ponto de ciência.

MARIA (*Para os dois.*) — Então amam-se deveras?

Os Dois — Certamente.

MARIA — É um amor singular.

LUÍSA — Não é como o de Julieta e Romeu, com balcão, escada de corda, cantos de cotovia...

DR. PEREIRA — Está visto!

MARIA — Pois olhem, meus filhos, eu tinha até aqui a ingenuidade de acreditar que aos 20 anos o coração é como o cálice perfumado de um lírio...

LUÍSA — O coração, mamãe, é um músculo oco que tem as suas funções próprias como o baço, o fígado, os rins e outras vísceras do organismo.

CENA VI

OS MESMOS, BACHAREL MARTINS e CARLOTA

MARTINS (*Cumprimentando a todos.*) — Cheguei talvez um pouco tarde?

DR. PEREIRA — O meu amigo chega sempre em tempo.

MARTINS — Não de permitir-me que lhes apresente a Senhora Dona Carlota de Aguiar, estudante do 5º ano da Faculdade de Direito de São Paulo e futura bacharela em Direito.

CARLOTA (*Apertando a mão de Dona Maria e do Doutor Pereira.*) — Apresento à ilustre doutora a curvatura de meus respeitos. (*Apertam-se as mãos.*)

LUÍSA — Já a conhecia muito de nome como um dos mais brilhantes talentos da moderna geração.

CARLOTA — E o que direi eu da mulher duas vezes ilustre pela inteligência e pela coragem titânica com que acaba de abater a muralha ciclópica dos preconceitos tacanhos? Vossa Excelência é o alfa desta conquista sociológica que veio desfraldar aos ventos sul-americanos a bandeira imaculada da nossa redenção.

MARTINS (*Para Maria Praxedes.*) — Fala admiravelmente bem.

MARIA — É uma canária!

MARTINS — Que talento!

MARIA — Está-se vendo que é de força!

LUÍSA — Entretanto o passo que acabo de dar tem sido por tal forma comentado pela opinião..

CARLOTA — Não creia, minha senhora! Vossa Excelência está subpedânea no conceito público.

DR. PEREIRA — Eu assim o entendo.

CARLOTA — A minha situação é que se vai tomando um amálgama acéfalo, incongruente e esfacelado de lutas de direito, com pequenos interesses masculinos.

LUÍSA — Como assim?

CARLOTA — Ainda não recebi a investidura do meu grau, ainda não tive a posse do *tibi quoque* e já o magnânimo Instituto dos Advogados levanta a questão de nós mulheres podermos exercer a advocacia e os demais cargos inerentes ao bacharelado em Direito.

LUÍSA — Parece incrível!

CARLOTA — Não se admire, doutora, não se admire. Já em Nicéia reuniu-se um concílio para decidir se a mulher devia ou não fazer parte do gênero humano. Tentaram expelir-nos do posto que ocupamos na escala zoológica e pretendem agora com miseráveis subterfúgios de retórica e uma lógica anacrônica tirar-nos o talher a que temos direito na opípara mesa do banquete social.

LUÍSA — Como eles receiam a nossa concorrência.

CARLOTA — Em todos os pontos da atividade humana, ilustre doutora! Mas havemos de conquistar-lhes paulatinamente o másculo reduto.

CENA VII

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

MANUEL (*Entrando e vendo Luísa de beca.*) — Luísa! De beca!... Minha filha! (*Vai desmaiar.*)

LUÍSA (*Indo agarrá-lo.*) — Papai, o que tem?!

MARIA (*Segurando-o.*) — Manuel Praxedes! Manuel Praxedes!

CARLOTA — Que lividez marmórea!

MARIA (*Gritando.*) — Eulália! Eulália!

LUÍSA — É melhor deitá-lo, deitá-lo já em decúbito dorsal.

CENA VIII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando.*) — Ai! o meu rico amo! O que é que ele tem, senhora?

MARIA — Traz lá de dentro qualquer coisa. . . água, vinagre...

EULÁLIA — Vou correndo. (*Sai.*)

MARIA — O que é isto, minha filha, um ataque?

LUÍSA — Não, minha mãe, uma simples lipotimia.

DR. PEREIRA (*Tomando o pulso e examinando as pupilas de Manuel.*) — Perdão, parece-me coisa mais grave. Vejo todos os sintomas de uma síncope cardíaca.

LUÍSA — Não se diagnostica por suposições. A patologia do coração, colega, é uma coisa hoje conhecida!

MARIA — Mas pelo amor de Deus, minha filha, deixa-te de discussões e trata de salvar teu pai. Manuel Praxedes! Manuel Praxedes!

CENA IX

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Trazendo um vidro de galheteiro e uma moringue.*) — Cá está o vinagre e a água. (*Maria põe o vidro de vinagre no nariz de Manuel.*) O verdadeiro, minha ama, é atirar-lhe com o moringue de água à cara... Olhe que a água é um santo remédio para estas maleitas. Conheci uma senhora lá no Porto que teve um desses tremeliques e note-se que não era coisa cá de pouco mais ou menos, porque a mulher tinha cada olho esbugalhado deste tamanho e berrava que parecia mal comparando, um boi, com perdão dos senhores que me ouvem.

MANUEL (*Abrindo os olhos.*) — Onde estou? O que foi isto? (*Abraçando Luísa.*) Luísa, minha filha, esta emoção me mata. (*Maria dá o vidro a Eulália.*)

EULÁLIA (*Cheirando o vidro.*) — Ai! que reinação! Ah! Ah! Ah!

MARIA — O que é isto, Eulália?

EULÁLIA — Em vez de vinagre, senhora, trouxe azeite.. . Ah! Ah! Ah! (*Sai correndo.*)

CENA X

OS MESMOS *menos* EULÁLIA

LUÍSA (*Apresentando Carlota.*) — A Senhora Dona Carlota de Aguiar, estudante do 5º ano da Faculdade de Direito de São Paulo.

MANUEL — A futura bacharela em Direito de que os jornais se têm ocupado! Oh! quanto folgo em conhecê-la. (*Ouve-se o som da música e foguetes.*)

CENA XI

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA — Patrão!... Patrão!... Ai está à porta um bonde embandeirado, com música e uma porção de gente que grita: — Viva a Doutora Luísa Praxedes! Viva a Doutora Luísa Praxedes!...

MANUEL — Uma manifestação!... Ainda esta emoção!... Meu coração!... Que aflição!...

EULÁLIA — Vou buscar azeite, minha ama?

MARIA (*A Manuel.*) — Outro desmaio?

CENA XII

OS MESMOS e a DIRETORA do GRÊMIO FEMININO SACERDOTISAS DE EUTERPE

DIRETORA (*Entrando acompanhada pela banda de música de raparigas em cujo estandarte se vê a seguinte inscrição: G. M. Sacerdotisas de Euterpe.*) — A gratidão, senhora, é a moeda dos pobres. A sociedade musical Grêmio Sacerdotisas de Euterpe deixaria de cumprir com o mais sagrado dos deveres, se não viesse hoje, no dia em que se realizam os vossos sonhos dourados, dar-vos um público testemunho do quanto vos deve pelos serviços que generosamente tendes prestado a cada uma de nós, (*Praxedes limpa as lágrimas.*) na epidemia que desgraçadamente está assolando esta cidade. (*Entregando a Luísa um rolo de papel.*) Aceitai, portanto, ilustre doutora, como homenagem ao vosso brilhante talento (*Praxedes soluça.*) e às qualidades morais que vos ornaram, o diploma de sócia benemérita da nossa modesta associação. (*Manuel soluça.*) Viva a Doutora Luísa Praxedes!

TODOS — Viva! (*Toca a música.*)

LUÍSA — Não tenho, infelizmente, recursos oratórios para responder à manifestação com que acabo de ser surpreendida e que assaz me penhora. Peço à Senhora Doutora Carlota de Aguiar que com o seu verbo eloqüente seja a intérprete dos meus sentimentos.

DR. PEREIRA e MARTINS — Muito bem!

CARLOTA — Minhas senhoras! (*Conserta a garganta.*) Flutua-me no cérebro um ponto de interrogação: estará a mulher destinada nos últimos estertores do século que finda a devassar os arcanos de todas as atividades que lhe têm sido roubadas pelo monopólio sacrílego das aspirações e vaidades masculinas? Aquela que neste momento tão indignamente represento...

TODOS — Não apoiado.

CARLOTA — Vós, as congregadas da harmonia, e eu, a mais humilde paladina desta conquista santa de direitos, poderemos responder à fatídica interrogação? Sim! A mulher caminha, a mulher conquista, a mulher vencerá. Um viva pois, à Doutora Luísa Praxedes que simboliza a consubstanciação da vitória brilhante.

TODOS (*Menos Luísa e Maria.*) — Viva. (*Música.*)

MANUEL (*A todos.*) — Vindo assistir ao grau de minha filha, eu vos convido também, meus senhores e minhas senhoras, para que abrilhanteis com a vossa presença a cerimônia do casamento que terá lugar logo depois daquele ato na Igreja de São José.

A DIRETORA — Viva a Doutora Luísa Praxedes!

TODOS (*Menos Luísa.*) — Viva!

(Toca a música e desfilam todos saindo pelo fundo.)

(Cai o pano.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO SEGUNDO

Gabinete da Doutora Luísa. À direita, estantes de livros. À esquerda, um sofá tendo ao lado uma cadeira de operações; sobre a estante diversos vidros com fetos e preparações anatômicas conservadas em álcool. Ao fundo uma mesa com tinteiro e penas, jornais e revistas espalhados e uma vitrine dentro da qual figura um esqueleto articulado. Sobre as paredes quadros com retratos de médicos e seções do corpo humano. Em cima da vitrine um quadro com o seguinte letrero: — “Consultas pagas à vista.” Ao lado do sofá o telefone.

CENA I

EULÁLIA

EULÁLIA *(Só, falando ao telefone.)* — Allon!... Allon!... Quem fala? Quem fala?... Ah! É para o Doutor Pereira, ou para a Doutora Pereira? Não entendo... Fale mais alto. Doutor ou doutora? *(Deixando o telefone.)* Isto é uma maçada! Todos os dias há uma briga de mil diabos nesta casa por causa dos malditos doentes.

CENA II

A MESMA e MARIA PRAXEDES

MARIA *(Entrando.)* Sim, senhora! É o que se chama o cúmulo da tagarelice. Não tens com quem falar, falas sozinha.

EULÁLIA — Deixe-me, pelo amor de Deus! Olhe que se não fosse o amor que tenho à menina, já tinha voltado para a casa da patroa.

MARIA — Continuam as brigas?...

EULÁLIA — Ora! Ora! Ainda ontem houve aqui um bate-boca tremendo.

MARIA — E sempre por causa dos chamados?

EULÁLIA — Está visto, não brigam por outra coisa. E nestas brigas sai cada nome, patroa...

MARIA — Meu Deus! Chegam então a descompor-se?

EULÁLIA — Eu não sei se aquilo é descompostura. Olhe, os nomes que eu ouço, se não são desaforos de arrancar couro e cabelo, lá muito bons para que digamos não são.

MARIA — O que é que eles dizem?

EULÁLIA — É *symfostría* pra lá, *milógia* pra cá, *raboses*, *coloses*, *futrica*. A menina muito vermelha a dar com os braços, o patrão de olhos esbugalhados a gesticular...

MARIA — Ah! São discussões científicas!

EULÁLIA — Pois olhe, senhora, eu sou solteira, em tão boa hora o diga e o diabo seja surdo, mas, se fosse casada, e meu marido me atirasse à cara todas aquelas *ravoses*, *coloses* e *milógias*, e me chamasse *futrica*, sabe o que fazia a Eulália dos Prazeres da Conceição de Maria, filha da Engrácia da

Porcalhota e do Manuel Tibúrcio, que Deus haja?...

MARIA — Não fazias nada, tagarela.

EULÁLIA — Arrumava a trouxa e ia procurar a minha vida.

MARIA — Mas fora destas discussões eles não conversam?

EULÁLIA — A que horas? A menina, de manhã muito cedo, vai ver doentes, o patrão mal acorda, veste-se a toda a pressa e toca pra mesma lida.

MARIA — Sim, mas quando estão em casa...à hora do almoço e do jantar...

EULÁLIA — Quando estão em casa, se não estão brigando, a menina lê ou escreve, o patrão escreve ou lê. À mesa do almoço ou do jantar, cada um tem o seu livro. Comem de cabeça baixa. Não olham um para o outro!

MARIA — Luísa ainda toca e canta?

EULÁLIA — Qual, senhora, no outro dia fui abrir o piano para limpá-lo, estavam as teclas cheinhas de bolor. (*Eulália tira o chapéu de Maria Praxedes.*)

MARIA — Luísa há de vir jantar.

EULÁLIA — Certamente. E a senhora passa o dia conosco?

MARIA — Olha, Eulália, o meu desejo é que não abandones nunca Luísa.

EULÁLIA — Fique descansada, patroa. (*Tocam o telefone.*) É verdade, com o diacho da conversa esqueci de dar a resposta ao homem. (*Batendo no telefone e falando.*) *Allon!* Quem fala? É o Senhor Salazar da Rua do Hospício? Sim. Mas é para o Doutor Pereira, ou para a Doutora Pereira? (*Fica algum tempo a ouvir, falando para Maria.*) Tenha paciência, patroa. Ponha o ouvido aqui e veja se distingue, doutor ou doutora?

MARIA (*Falando ao telefone.*) — É Doutor Pereira ou Doutora Pereira? (*Deixa o telefone.*) Ouvi bem claro: doutora.

EULÁLIA — Ainda bem. Então é para a menina?

MARIA — Sim.

EULÁLIA — Vou ver lá dentro o que está fazendo a cozinheira. Nunca vi peste maior! (*Maria senta-se à mesa e lê jornais.*)

CENA III

MARIA PRAXEDES e LUÍSA

LUÍSA (*Entrando.*) — Bom-dia, minha mãe!

MARIA — Há uma semana que não me apareces, Luísa, vim ver-te.

LUÍSA — Não tenho um minuto de que possa dispor!

MARIA — Quando se quer, minha filha...

LUÍSA — É que a mamãe não imagina, nem pode imaginar o que é a vida da médica. Estou visitando doentes desde as seis horas da manhã. (*Puxando a lista.*) E veja a via-sacra que tenho de percorrer ainda hoje.

MARIA — És na verdade muito feliz na tua clínica!

LUÍSA — Estou formada há um ano e quatro meses, posso dizer com orgulho que neste curto espaço de tempo tenho feito mais que todos os meus colegas juntos.

MARIA — Pena é, entretanto...

LUÍSA — Já sei a que vai se referir. Às lutas que se dão aqui nesta casa entre mim e meu marido. O que quer a senhora? Tenho eu porventura a culpa de que ele procure por todos os meios prejudicar os meus interesses, tomando doentes que são meus, exclusivamente meus?

MARIA — Mas minha filha, há porventura, meu e teu num casal que se estima?

LUÍSA — Há, sim senhora; quando esse meu e teu representa o esforço de cada um. Eu não sou uma mulher vulgar que veio colocar-se pelo fato do casamento sob a proteção de um homem. A minha posição no casal é igual, perfeitamente igual à de meu marido sob o ponto de vista do trabalho. Mas acima desse ponto de vista há ainda outra coisa que a senhora não quer compreender. Sabe qual é?

MARIA — Ignoro, minha filha!

LUÍSA — É a minha personalidade científica, a minha autonomia médica que meu marido tem tentado ofuscar; mas que eu hei de obrigá-lo a reconhecer, custe o que custar. Custe o que custar, ouviu minha mãe?

MARIA (*Á parte.*) — Meu Deus! (*Alto.*) Mas vocês então não se amam?

LUÍSA — Amamo-nos, minha mãe, amamo-nos. É preciso porém que cada um se conserve no seu posto; que as nossas posições se definam; ou por outra, é preciso que meu marido se convença de que eu posso ganhar perfeitamente a minha vida sozinha e de que ele não é mais inteligente do que eu! (*Pondo a mão na cabeça e sentindo como que uma vertigem.*)

MARIA — O que tens?

LUÍSA — Nada.

MARIA (*Apalpando-lhe o pulso.*) — Mas estás em suores frios.

LUÍSA — Estou-me sentindo um pouco enjoada... Mas já passou! Já passou!

MARIA — É fraqueza talvez, minha filha. Saíste de manhã tão cedo, sem comer nada.

LUÍSA — Tomei ovos quentes e uma xícara de café.

MARIA — Não é bastante. Vou ver se há lá dentro alguma coisa. (*Vai a sair.*)

LUÍSA — Não é preciso. Diga a Eulália que mande entrar os doentes lá embaixo. (*Maria sai. Luísa tirando uma lista do bolso e um lápis.*) Rua das Marrecas, já fui; Praça do Rocio Pequeno, Largo do Machado... (*Senta-se à mesa, abre um livro e escreve assentamentos.*)

CENA IV

LUÍSA e o PRIMEIRO DOENTE

PRIMEIRO DOENTE (*Entrando com uma criança ao colo embrulhada em um cobertor.*) — Bom-dia, Senhora Doutora.

LUÍSA — Bom-dia. Então como passou a pequena de ontem para cá?

PRIMEIRO DOENTE — Ah! Senhora Doutora, não passou bem, não.

LUÍSA — Vamos ver isto, vamos ver isto! (*Levanta-se e examina a criança.*) Ah! está muito melhor. (*Apalpando-lhe o pulso.*) Já não tem febre. O que você deve fazer é mudar-se quanto antes do cortiço onde mora. Aquilo é um lugar terrível.

PRIMEIRO DOENTE — Já hoje estive à procura de casa, doutora.

LUÍSA — Continue com as pílulas que receitei.

PRIMEIRO DOENTE — O que é que ela pode comer, Senhora Doutora?

LUÍSA — Tem fastio?

PRIMEIRO DOENTE — Muito.

LUÍSA — Pode comer tudo, somente é bom não abusar de apimentados e salgados. (*Primeiro doente vai a sair.*) Espere. (*Escrevendo.*) Para abrir o apetite tome em cada refeição meio cálice deste vinho que aí vai. (*Entrega-lhe a receita.*) Mande fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

PRIMEIRO DOENTE — Sim, senhora. Então passe bem. (*Sai.*)

CENA V

A MESMA e SEGUNDA DOENTE

SEGUNDA DOENTE (*Entra muito bem vestida.*) — Doutora!..

LUÍSA (*Levantando-se.*) — Oh! como está, minha senhora?

SEGUNDA DOENTE — Muito melhor!

LUÍSA — Bem, isto é o que se quer. Vamos ver a garganta. (*Segura um pequeno objeto de metal que deve estar em cima da mesa e abaixando com ele a língua da segunda doente, examinando a garganta.*) Aspire... (*A segunda doente aspira.*) Não está de todo boa.

SEGUNDA DOENTE — É negócio grave, doutora? Será preciso fazer operação?

LUÍSA (*Sentando-se à mesa e escrevendo.*) — Não, não, é uma coisa insignificante, um pequeno prolapso da úvula. (*Entregando-lhe a receita.*) Tome uma colher de sopa deste remédio três vezes por dia, uma logo de manhã, assim que acordar, outra ao meio-dia e outra à noite, antes de se deitar. Mande fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

SEGUNDA DOENTE — Adeus, doutora...

LUÍSA — Adeus!

CENA VI

A MESMA e TERCEIRA DOENTE

TERCEIRA DOENTE — Ai! Ai! Ai! Estou que não posso.

LUÍSA — Descanse, descanse um pouco.

TERCEIRA DOENTE — Custa-me tanto subir esta escada.

LUÍSA — Então? Deu-se mal com aquele remédio que lhe receitei?

TERCEIRA DOENTE — Passei um pouco melhor, doutora. Ao menos, consegui dormir duas horas e deitada.

LUÍSA — Eu bem lhe disse. (*Examinando as pupilas.*) Não vai mal, não. (*Pondo-lhe as mãos no pescoço.*) Um bocado melhor.

TERCEIRA DOENTE — Eu estou sofrendo do coração, não é, doutora? Fale com franqueza.

LUÍSA — Qual coração! Esqueça-se disto.

TERCEIRA DOENTE — E estas palpitações que sinto, esta zuada constantemente nos ouvidos?

LUÍSA — O que a senhora tem é uma simples anemia que se pode facilmente debelar. (*Senta-se e escreve.*)

TERCEIRA DOENTE — O médico dizia a mesma coisa ao meu defunto e um belo dia quando ele acordou, coitadinho, estava morto.

LUÍSA (*Entregando-lhe uma receita.*) — Tome um cálice de duas em duas horas por espaço de três dias, descanse dois dias e depois venha cá! Mande fazer isto na botica do Nogueira no Largo da Lapa.

TERCEIRA DOENTE — Deus Nosso Senhor lhe ajude, Doutora. (*Sai andando devagar.*)

CENA VII

LUÍSA e EULÁLIA

(*Ao sair a terceira doente, Luísa toca o tímpano que está em cima da mesa.*)

EULÁLIA (*Entrando.*) — A senhora quer alguma coisa?

LUÍSA — Diz ao Antônio que vá chamar-me um tálburi.

EULÁLIA — Vai sair?

LUÍSA — Vou.

EULÁLIA (*Vai saindo e volta.*) Ah! é verdade. Recebi pelo telefone um chamado para a senhora.

LUÍSA — De quem?

EULÁLIA — Do Senhor Salazar, da Rua do Hospício.

LUÍSA — É uma casa onde meu marido está tratando. Ouviste bem: é para mim ou para ele?

EULÁLIA — Para a Doutora Luísa Pereira, ouvi bem claro. E a mãe da menina que estava aqui ouviu também: Doutora Luísa Pereira. Mas isto é fácil de verificar, senhora, temos ali o telefone...sim, porque eu não quero que venha o patrão depois cá dizer-me como aconteceu outro dia...

LUÍSA — Está bom, vai chamar o tálburi.

EULÁLIA — Não senhora, é que as injustiças doem muito e não há neste mundo nada mais triste que pagar o justo pelo pecador...

LUÍSA — Sim, sim... Mas vai chamar o tálburi.

EULÁLIA — Eu nunca fui apanhada em mentiras. Graças a Deus tenho a minha consciência muito pura e a filha de Manuel Tibúrcio, que Deus haja, não é pra aí qualquer mulher à toa de cuja palavra se possa duvidar.

LUÍSA — Se não queres ir dar o recado, vou eu.

EULÁLIA — Vou, sim senhora, mas...

LUÍSA — Está bom, está bom! (*Empurrando-a para dentro.*)

CENA VIII

LUÍSA e GREGÓRIO

GREGÓRIO (*Entrando com ar meio apalermado.*) — Não é aqui que mora uma doutora que tem anunciado nos jornais?

LUÍSA — Sim, senhor!

GREGÓRIO — Ainda que mal *pregunte*, é Vossa Senhoria?

LUÍSA — Uma sua criada.

GREGÓRIO — *Uê, gentes!* Tinham-me dito lá na roça que era uma *muié véia* e feia. Ora esta! (*Pausa.*) Trata mesmo de moléstias de homens?

LUÍSA — Por que não?

GREGÓRIO — *Descurpe*, mas eu pensava...

LUÍSA — A consulta é para o senhor ou para alguém de sua família?

GREGÓRIO — É para mim mesmo, *sinhá dona*...

LUÍSA — Conte-me lá o que sofre. (*Manda-o sentar e senta-se a seu lado.*)

GREGÓRIO — Em *premero* que tudo tenho muita *farta* de ar e muitas sufocações. Porém o que mais me *avexa* é uma dor forte aqui mesmo na boca do *estambago*. (*Aponta para o lugar.*)

LUÍSA — Mas esta dispnéia e esta dor.

GREGÓRIO — Na *espinhela* não tenho nada, não, *sinhá dona*.

LUÍSA — Não, não é isto. Pergunto-lhe se esta falta de ar costuma vir antes ou depois das refeições.

GREGÓRIO — De *premero* vinham antes... mas agora vem *ao depois*... Já *consurtei* a *halipatia*, *homopatia*, a *dosometria*, tudo, tudo. Afinal disseram-me lá na roça: — Você já foi ao Nascimento? Já foi ao caboclo da Praia Grande? Pra que não vai *vê* a Doutora? *Tarvez* ela te dê *vorta*. E aqui estou *nas*

mão da sinhá dona.

LUÍSA — Tire o paletó. (*Gregório tira o paletó, Luísa vai buscar uma toalha, coloca-a nas costas de Gregório e ausculta-o.*)

LUÍSA — Conte, um, dois, três...

GREGÓRIO — Um... dois... três...

LUÍSA — Vá contando.

GREGÓRIO — Quatro... 5.. .6.. .7.. .8.. .9.. .10...11...

LUÍSA — Respire. (*Gregório toma aspiração.*) — Respire mais forte. (*Gregório respira mais forte.*) Mais forte ainda. (*Gregório fica de boca aberta tomando uma longa respiração. Luísa passou a auscultá-lo pela frente colocando a cabeça no peito.*)

GREGÓRIO — Que banha cheirosa tem *sinhá dona* na cabeça!

LUÍSA (*Levantando-se.*) — Deite-se ali naquele sofá. (*Gregório deita-se de lado.*) Não, de barriga pra o ar. (*Gregório deita-se de barriga para cima.*) Desabotoe-se.

GREGÓRIO (*Espantado.*) — Desabotoar-me?

LUÍSA — Sim, desabotoe o colete! (*Gregório desabotoa o colete.*) Encolha as pernas. (*Gregório encolhe as pernas. Luísa apalpa-lhe o fígado.*)

GREGÓRIO (*Saltando do sofá.*) — Ah! Ah! Ah!... Não faça isso, *sinhá dona*, que eu sinto *coscas como quê...*

LUÍSA — Deite-se, desse modo não posso examiná-lo. (*Gregório deita-se de pernas encolhidas. Luísa apalpa-lhe o fígado.*) Dói aqui?

GREGÓRIO — Ah! Ah! Ah! Que *coscas!*

LUÍSA (*Sentando-se à mesa.*) — Pode vestir-se! (*Escreve a receita e entrega a Gregório.*) Tome as pílulas duas vezes por dia; uma ao deitar e outra logo pela manhã. O emplastro é para colocar sobre o fígado. Mandê fazer isto na botica do Nogueira, no Largo da Lapa.

GREGÓRIO — A *sinhá dona* qué que eu pague já ou *depois*?

LUÍSA — Depois.

GREGÓRIO — *Antão* quando é que devo *vortá*?

LUÍSA — Para a semana. (*Gregório vai saindo e encontra-se à porta com Pereira.*)

CENA IX

LUÍSA, GREGÓRIO e o DOUTOR PEREIRA

GREGÓRIO (*Ao Doutor Pereira que entra.*) — Deus lhe *sarve*.

Dr. PEREIRA — Adeus.

GREGÓRIO — Passe bem, *sinhá dona*. (*Sai.*)

CENA X

LUÍSA e o DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Vendo Gregório sair. A Luísa.*) — Moléstias de senhoras e crianças. Creio que é isto que está lá embaixo à porta em um grande letreiro!

LUÍSA — O que está lá embaixo é: Doutora Luísa Pereira, médica. Especialidade: — moléstias de senhoras e crianças.

DR. PEREIRA — Ou isto.

LUÍSA — Ou isto, não. São coisas muito diferentes.

DR. PEREIRA — De modo que a senhora...

LUÍSA — Clinico em todos os ramos de medicina; ocupando-me com especialidade de moléstias de crianças e de pessoas do meu sexo.

DR. PEREIRA — O contrato então que fizemos logo que nos casamos...

LUÍSA — Esse contrato perdeu a razão de ser desde o dia em que o senhor se encarregou de dois partos e de um caso de coqueluche, que por direito me pertenciam.

DR. PEREIRA — Minha senhora, chegamos a um estado em que a nossa vida juntos vai-se tornar impossível. Ou eu hei de abdicar à minha autonomia profissional, ou, o que é mais triste ainda, à minha posição de chefe na família, ou a senhora conserve-se no lugar que lhe compete.

LUÍSA — A sua autonomia de profissional é igual à minha. Na família que constituímos não há chefes e o lugar que me compete é o que estou ocupando.

CENA XI

OS MESMOS e MARIA PRAXEDES

MARIA (*Entrando com uma xícara de caldo.*) — Toma este caldo, minha filha.

DR. PEREIRA — Então a senhora quer positivamente a luta?

LUÍSA — Estou preparada, não me arreio dela.

MARIA — Meus filhos, pelo amor de Deus, por tudo quanto pode haver de mais sagrado neste mundo...

DR. PEREIRA (*A Maria.*) — Ah! minha senhora, estou cheio até aqui. (*Indica a garganta.*) Acha que posso, que devo continuar nesta posição humilhante?

MARIA — Toma o caldo, minha filha.

LUÍSA — Não quero, minha mãe. (*Maria põe a xícara em cima da mesa.*)

DR. PEREIRA — Perdi o meu nome como um galé. Deixei de ser o Doutor Pereira para ser o marido da Doutora Luísa Praxedes.

LUÍSA — Logo que nos casamos, passei a assinar-me Doutora Luísa Pereira. Tomei, por deferência, o seu nome de família do qual aliás, seja dito de passagem, não precisava. Com o seu nome tenho-me anunciado, com este tenho receitado. Se o público continua a conhecer-me pelo apelido antigo, é porque ainda estão bem vivos na sua memória os sucessos que alcancei na Academia e vai acompanhando *paripassu* a marcha progressiva da minha carreira científica! Tenho eu porventura culpa disso?

DR. PEREIRA — Os sucessos da Academia!... A marcha progressiva da sua carreira científica! A sua pomada é que a senhora deve dizer!

LUÍSA — Pomadas são os agradecimentos de doentes, feitos nos jornais e à custa do médico que os tratou. São as estatísticas publicadas mensalmente nas folhas públicas com exagero escandaloso de cifra e mencionando pomposos nomes, para embair o público, as mais singulares operações.

DR. PEREIRA — Não me provoque, senhora, peço-lhe pelo amor de Deus que não me provoque...

MARIA (*Entre os dois.*) — Acalmem-se, meus filhos.

CENA XII

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando e ouvindo a discussão.*) — Então o que é isto? estão brigando?

Discussões científicas!... Bravo! muito bem.

LUÍSA — Pomada! O senhor era o menos competente para atirar-me ao rosto semelhante nome. A minha clínica...

DR. PEREIRA — A sua clínica desaparecerá, minha senhora, no dia em que as mulheres formarem-se às dúzias e aos centos.

PRAXEDES — E este dia não está longe. Em todo caso, cabe à minha doutora a glória...

MARIA (*Baixo a Praxedes.*) — Pois em vez de acalmar, estás a fomentar discussões!

PRAXEDES — Deixa, mulher, isto é muito bonito!

LUÍSA — No dia em que as mulheres formarem-se aos centos, a medicina terá tocado o zênite da sua glória; porque só assim entrarão nela as aptidões científicas que até aqui os senhores, egoisticamente, nos têm negado, e os sentimentos de caridade que são o mais belo apanágio do nosso sexo.

PRAXEDES — Muito bem!

DR. PEREIRA — Sinto não ter vontade de rir; porque o que acaba de dizer só pode ser respondido com uma gargalhada, Senhora Doutora Luísa Praxedes... Note que eu digo Doutora Luísa Praxedes, e não Doutora Luísa Pereira.

LUÍSA — O grau que recebi foi de Doutor e não de Doutora! A Faculdade de Medicina não conhece Doutoradas. Uma vez que toca neste ponto, fique sabendo que vou mandar tirar a placa que está lá embaixo, e declarar pelos jornais que doravante assinar-me-ei Doutor Luísa Praxedes porque foi este o nome com que me formei.

PRAXEDES (*Para Maria.*) — Sim, senhora! Lá isto é verdade!

DR. PEREIRA — Pois bem, Senhora Doutora ou Doutor Luísa Praxedes, como queira, eu não estou disposto a representar por mais tempo o papel ridículo de marido de parteira, de professora pública ou de cantora lírica. Sou cabeça do casal. Tenho a minha posição definida em Direito perante a família e perante a sociedade. Ou a senhora muda de rumo ou...

LUÍSA — Acabe o dilema.

DR. PEREIRA — Ou eu dou-lhe uma lição que lhe há de ser fatal. (*Sai.*)

CENA XIII

LUÍSA, MANUEL e MARIA PRAXEDES

LUÍSA — Lição fatal! Que lição fatal poderá ele dar-me?

MARIA — Minha filha, são tão feias essas brigas constantes entre seres que se devem estimar... adorar...

PRAXEDES — Sim, podem discutir... acho isso até muito bonito. Da discussão é que nasce a luz. Mas... *est de modus in rebus...*

LUÍSA — Desejava talvez que eu fosse uma mulher estúpida, ou vulgar, para que não ficassem na penumbra as prerrogativas da sua individualidade? Mas não, eu tenho uma missão a cumprir. Hei de cumpri-la. (*Sentindo como que uma vertigem.*)

MARIA — Outra vertigem, minha filha! Estás tão pálida!

LUÍSA — Não é nada.

PRAXEDES — Luísa! Luísa!

LUÍSA — Já passou! (*Eulália entra e dirige-se a Luísa.*)

CENA XIV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Para Luísa.*) — Oh! senhora, o tílburí está aí na porta a roer há mais de um quarto de hora.

LUÍSA — É verdade, já nem me lembrava... Estou tão fatigada.

MARIA — Toma ao menos o caldo que ali está.

EULÁLIA — Este deve estar frio. Se a menina quiser, eu vou buscar outro. Olhe que está muito bom; a cozinheira tem o defeito de ser muito faladora e roubar um pouco nas compras, mas lá no que diz respeito a tempero de panela, justiça lhe seja feita, não há nada que se lhe dizer, e olhe, patroa, que eu não preciso estar-lhe em cima a repetir-lhe que faça isto, ou faça aquilo.

LUÍSA (*Tomando o chapéu.*) — Está bem, está bem! Já sei! (*Despedindo-se.*) Até já, minha mãe. (*Abrança-a.*) Adeus, meu pai! (*Sai.*)

EULÁLIA — Coitadinha! Anda numa lida! (*Sai.*)

CENA XV

MANUEL e MARIA PRAXEDES

MARIA — Já viste a tua obra. Estás satisfeito?

PRAXEDES — Satisfeitíssimo. O que querias tu? Que um casal de doutores andasse a brigar por causa de arrufos ou questiúnculas de governo de casa?

MARIA — Os arrufos e questiúnculas do governo doméstico, meu caro marido, sempre existiram no nosso lar, mas nunca nos levaram, felizmente, ao excesso das cenas a que acabamos de assistir.

PRAXEDES — São discussões científicas, minha mulher, muito naturais. Antigamente brigava-se por ciúmes e faziam-se as pazes depois do clássico faniquito. Há ainda hoje quem faça disto, bem sei. Mas o nosso genro e Luísa não estão nas mesmas condições.

MARIA — Genro? Genro no nome, porque eu pelo menos, até aqui, sogra não tenho sido.

PRAXEDES — Não tens sido sogra?... Ora esta!

MARIA — Nas rixas que se dão constantemente nesta casa já viste envolvido o meu nome? Sou para o Doutor Pereira uma criatura completamente indiferente. Dos seus lábios ainda não partiu contra mim a mais pequena censura, ou uma palavra sequer que deixasse transparecer embora sutilmente o veneno do epigrama.

PRAXEDES — E queixas-te por isso? Queria que ele te chamasse como costumam chamar as sogras: — víbora, jararaca, cascavel...

MARIA — Queria ser uma sogra em regra, porque só assim teria a certeza de que minha filha era verdadeiramente feliz.

PRAXEDES — Mas tu não vês, Maria Praxedes, que este casamento é uma coisa completamente nova? É a primeira experiência que se faz. As peças do maquinismo ainda não estão bem assentadas, não podem por conseguinte trabalhar com a regularidade de um maquinismo já experimentado. Espera um pouco, deixa a coisa entrar em seus eixos e verás que nisto que tu condenas atualmente está a família do futuro, a sociedade do futuro, a felicidade do futuro...

MARIA — Havemos de ver este futuro.

CENA XVI

OS MESMOS e CARLOTA DE AGUIAR

CARLOTA (*Entrando.*) — Entrei sub-repticiamente sem me fazer anunciar.

PRAXEDES — Ora, seja bem-vinda, Doutora!

CARLOTA (*Inclinando-se diante de Maria.*) — Minha senhora, a curvatura de meus respeitos.

PRAXEDES — Sinceros parabéns pelos triunfos alcançados anteontem no júri. Li em todos os jornais a notícia da sua brilhante defesa.

CARLOTA — Foi um debate homérico; com réplica e tréplica, em que derroquei à luz da aurora bruxuleante do Direito moderno, os castelos carcomidos da vetusta legislação, crivados de teorias incongruentes e obsoletas.

PRAXEDES — E tratava-se de um caso completamente novo.

CARLOTA — A esposa que surpreende o marido com a amante e que resolve a situação trucidando os dois. Mas deixemos o júri, a minha defesa, os meus triunfos. O que me traz aqui é um motivo de ordem grandiloqua, elevada e arquicivilizadora. Senhor Manuel Praxedes, apresento-me candidato à Deputação Geral, pelo Município Neutro.

PRAXEDES — Bravo! Bravo! Muito bem!

MARIA — Pois as senhoras querem também ser deputadas?

PRAXEDES — Por que não? Nos Estados Unidos, as mulheres são caixeiras, empregadas nos telégrafos, nas estradas de ferro, nos correios... são até capitães de navios.

CARLOTA — Até bombeiras. Amanhã sairá em todas as folhas a minha circular. Nesta peça estereotipo o programa das reformas sociológicas femininas de que pretendo dotar o meu país. Vai ver, fica a mulher equiparada ao homem em tudo por tudo. É uma revolução.

PRAXEDES — Creio bem!

CARLOTA — O Brasil está atrasadíssimo na ciência do Direito. Basta considerar que esta ciência não corresponde às aspirações grandiloquas condóricas se é que posso exprimir-me assim...

PRAXEDES — Perfeitamente.

CARLOTA — Do nosso progresso material. O telefone invade tudo, o telefone leva o pensamento às mais longínquas distâncias e entretanto ainda não temos o Direito Telegramático, a Jurisprudência Telefonética.

PRAXEDES — O telefone podia ter acabado com as precatórias...

CARLOTA — Justo. Entrou perfeitamente no âmago do meu pensamento.

PRAXEDES — Quando houvesse necessidade de deprecar de um juízo para outro, para uma avaliação por exemplo...

CARLOTA — O juiz *a quo* ia ao telefone, o *ad quem* ouvia...

PRAXEDES — Procedia à avaliação...

CARLOTA — E gritava pelo telefone: está cumprida a diligência. Quanta economia de tempo...

PRAXEDES — E de papel!...

CARLOTA — Apoiado! (*Tirando do bolso cartões e entregando a Praxedes.*) Aqui tem para distribuir pelos seus amigos. (*O mesmo a Maria.*) Peço-lhe, minha senhora, que advogue também a minha causa; vai nela hasteada a flâmula da emancipação feminina, que hei de defender até a morte com o gládio incandescente do meu humilde verbo!

PRAXEDES (*Lendo os cartões.*) — “Para Deputado Geral pelo Primeiro Distrito da Corte: Bacharela Carlota Sinfrônia de Aguiar, advogada. — Telefone 2028.” (*A Carlota.*) Muito bem!

CENA XVII

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

CARLOTA (*Ao Doutor Pereira, que entra.*) — Venho fazer-lhe uma visita e um pedido.

DR. PEREIRA (*Apertando-lhe a mão.*) — Doutora. Estou às suas ordens!

CARLOTA (*Entregando os cartões a Pereira.*) — Leia!

DR. PEREIRA (*Lendo.*) — Já o sabia. E a propósito, incomodou-me bastante o artigo que li ontem no *Correio do Norte* a respeito da sua candidatura.

CARLOTA — Uma publicação *a pedido*.

DR. PEREIRA — Sim. Que miserável!

CARLOTA — O meu amigo compreende que se eu fosse dar importância a todos esses cães que ladram nas vielas taludas do jornalismo insalubre...

DR. PEREIRA — Faz muito bem. Há coisas que não devem ser respondidas.

CENA XVIII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Para Maria.*) — A senhora vá comer alguma coisinha, que o jantar hoje há de ser um pouco tarde. Venha também, patrão.

PRAXEDES (*Para Carlota.*) — Quando quiser aparecer por aquela nossa casa...

CARLOTA — Vou vê-lo breve. (*Aperta a mão de Manuel Praxedes, que sai.*)

MARIA (*Apertando a mão de Carlota.*) — Doutora... (*Sai.*)

CENA XIX

EULÁLIA, CARLOTA e DOUTOR PEREIRA

CARLOTA (*Ao Doutor Pereira.*) — Esta sua criada pode também prestar-me serviços! Como se chama?

DR. PEREIRA — Eulália...

CARLOTA (*A Eulália, que espana os trastes.*) — Vem cá, Eulália!

EULÁLIA — Minha senhora!...

CARLOTA — Eu sou a Bacharela Carlota de Aguiar.

EULÁLIA — Vosmecê é quem diz.

CARLOTA — Como? Vosmecê é quem diz? Duvidas?

EULÁLIA — Não duvido, não senhora; mas lá na minha terra costuma-se dizer quando um homem fala muito: é um bacharel. Ora, se um bacharel é assim, faço idéia o que não há de ser uma bacharela!

CARLOTA — Tens graça: Toma estes cartões! (*Dá-lhos.*)

EULÁLIA — Para que é isto?

CARLOTA — A qualquer lugar onde fores, deixa dois pelo menos.

EULÁLIA — Não há dúvida; daqui a pouco vou à venda da esquina, posso deixá-los lá todos. (*Continua a espanar.*)

CARLOTA (*Ao Doutor Pereira.*) — A sua senhora, não está?

DR. PEREIRA — Saiu. Há de vir logo.

CARLOTA — Vou então fazer uma visita ao meu colega, ali defronte que pode dar-me grande parte da votação da Candelária e voltarei depois... Adeus! (*Sai.*)

CENA XX

DOUTOR PEREIRA e EULÁLIA

DR. PEREIRA — Vem cá, Eulália. (*Tira do bolso uma seringa.*)
EULÁLIA — O patrão deseja alguma coisa?
DR. PEREIRA (*Mostrando a seringa.*) — Sabes o que é isto?
EULÁLIA — Sei, sim senhor; é uma seringa.
DR. PEREIRA — Mas o que tu não sabes, é o que está dentro dela.
EULÁLIA — Aí dentro não vejo nada.
DR. PEREIRA — Pois olhe, aqui dentro está o micróbio da febre amarela.
EULÁLIA — Cruz!!... Credo, meu amo!... *Abrenúncio!* Arrede-se para lá. Mas o que vem a ser isto de *sicróbio*?
DR. PEREIRA — É um bichinho.
EULÁLIA — Então a febre amarela é um bicho? Ora esta!
DR. PEREIRA — O que tu não sabes ainda é que metendo-se este bichinho no corpo de uma pessoa fica ela livre de ter o mal.
EULÁLIA — Pois então a febre é um bicho; mete-se o bicho no corpo da gente e a gente não tem febre? Tenha paciência, patrão, eu não engulo esta.
DR. PEREIRA — É muito simples.
EULÁLIA — E como se apanha o bichinho?
DR. PEREIRA — Com um instrumento que nós temos, chamado chupete esterilizado.
EULÁLIA — Chupete *esterilizado*, sim, senhor. (*Prestando muita atenção.*)
DR. PEREIRA — Tira-se uma gota de sangue de um doente de febre amarela quase a expirar. Esta gota é deitada em caldo apropriado. Aí o bichinho prolifera!
EULÁLIA — O que vem a ser prolifera, patrão?
DR. PEREIRA — Procria, desenvolve-se.
EULÁLIA — Dentro do caldo! Tudo aquilo? (*Faz um gesto com as mãos como indicando formigamento.*) Jesus! que porcaria!
DR. PEREIRA — Depois mete-se uma porção daquele caldo dentro desta seringa e injeta-se em um porquinho da Índia ou em um coelho.
EULÁLIA — Ai! O pobre bichinho, coitado, morre logo!
DR. PEREIRA — Não; daí a alguns dias.
EULÁLIA — E depois?
DR. PEREIRA — Depois tira-se uma gota de sangue deste porquinho da Índia e põe-se em um caldo idêntico. Deste caldo injeta-se ainda outros porquinhos que vão morrendo até que injetado num, ele tenha apenas a febre com caráter benigno. Com o caldo deste então é que se vacina o homem.
EULÁLIA — Quanto caldo e quanta porcaria, meu amo. Já sei que hoje não janto com o diabo da conversa. Se já estou aqui engulhando...
DR. PEREIRA — Eulália, a epidemia está grassando com muita intensidade, tu és estrangeira, além disto forte e robusta. Estás sujeita de um momento para outro a ter a febre...
EULÁLIA — O que é que o patrão quer?
DR. PEREIRA — Vacinar-te.
EULÁLIA — O quê? Meter essa seringa no meu corpo? Com caldo de febre amarela? Em mim o senhor não mete isto, não, mas é o mesmo. Chegue-se para lá, patrão.
DR. PEREIRA — Mas isto não dói, é uma coisa à toa. Não vês; é uma pequena seringa de Pravat.
EULÁLIA — E seringa *depravada* ainda de mais a mais.
DR. PEREIRA — Dá cá o braço, deixa-te de histórias.
EULÁLIA (*Gritando.*) — Socorro! Socorro! Aqui del Rei!

CENA XXI

OS MESMOS, MANOEL, MARIA e LUÍSA

LUÍSA (*Entrando.*) — O que é isto?

PRAXEDES — O que foi?

MARIA — Eulália?

EULÁLIA (*Para Luísa.*) — Oh! senhora, tire aquela seringa *depravada* da mão do patrão, ou arrumo a minha trouxa e vou-me embora.

DR. PEREIRA — Está bem; não te zangues.

LUÍSA (*Ao Doutor Pereira.*) — Acho pouco curial que o senhor queira estender até as fâmulas desta casa a aplicação das suas teorias microbianas quando sabe que as não aceito. (*Pereira ri furioso.*) Venho de casa de um doente seu.

DR. PEREIRA — Está gracejando.

LUÍSA — De um doente seu. E vim correndo dar-lhe esta notícia, para dizer-lhe que, declarando-me ele que não depositava confiança no tratamento, discordei do seu diagnóstico e receitei.

DR. PEREIRA — E quem é esse doente?

LUÍSA — O filho do Salazar, da Rua do Hospício.

EULÁLIA — O chamado foi para a senhora! Eu ouvi no telefone. (*Voltando-se para Maria.*) E a patroa também ouviu!

MARIA — Eu ouvi bem claro; Doutora Luísa Pereira.

DR. PEREIRA (*Com raiva concentrada.*) — Minha senhora! Eu disse-lhe que havia de dar-lhe uma lição. O que a senhora acaba de praticar é...

LUÍSA — Diga.

DR. PEREIRA — Não digo. Tenho ainda a generosidade de guardar para com o respeito que se deve ao seu sexo, atenções que a senhora não teve para com a profissão que exerce. Depois do ato que acaba de praticar é impossível a nossa vida juntos. Vou deixar esta casa.

LUÍSA — Uma separação! Aceito-a! Mas quero que ela seja completa.

MARIA — Meus filhos!

LUÍSA — Vou mandar chamar meu advogado. (*Sai.*) (*Maria encosta-se à mesa.*)

CENA XXII

OS MESMOS, CARLOTA, *menos* LUÍSA

DR. PEREIRA (*A Carlota, que entra.*) — Doutora, preciso dos seus conselhos profissionais.

CARLOTA — É uma prova de confiança que me eleva ao *empyreo* do desvanecimento. Estou às suas ordens...

DR. PEREIRA — Espero-a, aqui, amanhã, às duas horas da tarde.

CARLOTA — Cá estarei. (*Doutor Pereira aperta-lhe a mão. Carlota sai pela esquerda, Pereira pela direita.*)

CENA XXIII

EULÁLIA, MARIA e MANUEL PRAXEDES

EULÁLIA (*Chorando em altos gritos.*) — Ah! meu Deus! que desgraça! E tudo por causa daquela seringaço da febre amarela! Pelo amor de Deus, senhores, me desculpem, que eu não sou culpada!

PRAXEDES (*Pensando.*) — Se eles ao menos tivessem um filho...

EULÁLIA (*Ainda chorando.*) — Qual filhos, patrão! Se eles não têm tempo para isso... Se nunca pensaram nisso! (*Sai a chorar pela esquerda.*)

(*Cai o pano.*)

FIM DO SEGUNDO ATO
ATO TERCEIRO

Sala regularmente mobiliada.

CENA I

LUÍSA e EULÁLIA

EULÁLIA (*A Luísa.*) — Deste modo a menina está se matando. Não dormiu à noite, não comeu nada... Olhe que não vale a pena. A vida é tão curta que, quando a gente menos espera, está a viajar deitada, sem chapéu e de barriga para o ar. Venha comer alguma coisita, sim?

LUÍSA — Não quero nada.

EULÁLIA — Olhe, vou preparar-lhe uma gemada, ou então um mingau de tapioca daqueles que eu costumava fazer quando a menina era pequena, lembra-se?

LUÍSA — Já te disse, não quero nada.

EULÁLIA — A senhora está zangada comigo?

LUÍSA — Não estou.

EULÁLIA — Aquela maldita seringa *depravada* é que foi a causa de tudo. (*Batem.*)

LUÍSA — Vai ver quem é. (*Eulália vai mas volta logo.*)

EULÁLIA — O Senhor Doutor Martins.

LUÍSA — Manda-o entrar.

EULÁLIA — Então a menina não quer tomar nada?

LUÍSA — Já te disse que não. Deixa-nos sós. (*Eulália introduz Martins e sai.*)

CENA II

LUÍSA e MARTINS

MARTINS (*Apertando a mão de Luísa.*) — Minha senhora!

LUÍSA (*Indicando-lhe uma cadeira.*) — Doutor, tenha a bondade de se sentar.

MARTINS — Recebi ontem a sua carta.

LUÍSA — Abusando das nossas antigas relações de família, relações que muito prezo e venero, tomei a liberdade de pedir-lhe que viesse a esta sua casa para tratar de negócio que me diz respeito.

MARTINS — Estou às suas ordens, minha senhora! Questões relativas talvez à profissão que tão brilhantemente está desempenhando. Algum executivo por honorários médicos...

LUÍSA — Oh! por isto não valia a pena incomodá-lo.

MARTINS — Como não valia a pena? Invocando há pouco as nossas relações, creia que eu

sentir-me-ia profundamente magoado se a senhora precisando de serviços da profissão que exerço, ainda os mais insignificantes, fosse bater à porta de outro advogado. Trata-se então de negócio grave?

LUÍSA — Trata-se do meu divórcio.

MARTINS — Do seu divórcio?

LUÍSA — Sim.

MARTINS — Vamos lá, minha senhora, está gracejando!

LUÍSA — A minha existência e a de meu marido tornaram-se incompatíveis. Vivemos juntos por mais tempo sob o mesmo teto, fora prolongar uma situação humilhante para a qual me não sinto com forças e que terminaria pelo aniquilamento completo da minha individualidade, é impossível.

MARTINS — Seja-me lícito dar-lhe um conselho, minha senhora; não como advogado, mas como amigo dedicado da casa.

LUÍSA — Se vem falar-me em reconciliação, doutor, digo-lhe que entre nós dois, ela é um impossível. Conhece-me há muitos anos. Sabe que sou uma mulher superior a caprichos e a paixões e que não daria semelhante passo se não tivesse calculado bem uma a uma todas as conseqüências.

MARTINS — É então do Doutor Martins advogado, e não do amigo, que precisa?

LUÍSA — Preciso de ambos, porém, mais do advogado que do amigo. Uma simples separação amigável não me convém. Amanhã reunir-se-ão os parentes, os íntimos, os officiosos que costumam aparecer em tais ocasiões e viria depois a comédia da reconciliação! Não. Para que a nossa situação se defina por uma vez, é preciso que ela seja pleiteada, embora com escândalo, nos tribunais.

MARTINS — Bem. A sua resolução pois, é...

LUÍSA — Inabalável.

MARTINS — Tenha a bondade então, minha senhora, de expor os fatos em que se baseia para dar este passo.

LUÍSA — Baseio-me apenas em um; mas este por si só é bastante para justificar o meu procedimento.

MARTINS — Qual é?

LUÍSA — A minha autonomia médica.

MARTINS — As causas do divórcio pelo nosso Direito, minha senhora, resumem-se em duas: adultério e sevícias.

LUÍSA — Então fora deste antediluviano adultério e destas sevícias que deveriam antes fazer parte do Código Criminal, não existe para a mulher nas minhas condições outro recurso de desagravo de direitos?

MARTINS — O legislador não conhecia Doutoradas, minha senhora. Imaginava que as mulheres fossem sempre as mesmas em todos os tempos e lugares.

LUÍSA — Sou casada com um homem que exerce profissão igual à minha. Ele aufere os lucros do meu trabalho, alegando, como o Leão da fábula, a posição de chefe. Não satisfeito com isto, procura por meio de subterfúgios e tricas ignóbeis afastar-me do plano em que me coloquei pela capacidade de profissional. Pois bem: hei de cruzar os braços, sofrer resignada todas as humilhações, só porque não posso alegar contra este homem procedimentos brutais para com minha pessoa e ele não pode lançar-me em rosto a infâmia de haver manchado o leito conjugal? Que lei é esta, Doutor? A que vêm este adultério e estas sevícias para o caso em que eu me acho?

MARTINS — O caso em que Vossa Excelência se acha, minha senhora, é todo excepcional. O Direito não podia prever estas lutas de interesses e autonomias científicas nas sociedades conjugais. O amor foi sempre a base da família.

LUÍSA — O amor, sempre esse eterno amor a humilhar a mulher, a transformá-la em máquina de procriação.

MARTINS — Ah! minha senhora, por mais que inovem, por maiores larguezas que dêem às

aspirações do eterno feminino, ele há de girar fatalmente em torno do círculo do amor, porque não tem outro caminho a percorrer.

LUÍSA — Somos então as condenadas de Dante?! Fora desta órbita de ferro traçada por estúpidas convenções sociais — *Lasciate ogni speranza...*

MARTINS — Depende do ponto de vista, minha senhora!... O que Vossa Excelência chama Inferno, eu chamo Paraíso.

LUÍSA — Enfim, senhor, nesse Direito que o senhor estuda não há um remédio para o meu mal? Combatem-se as moléstias as mais violentas, o escapelo da cirurgia decepando partes gangrenadas do corpo humano, faz surgir das podridões dessa gangrena a vida, que é tudo quanto pode haver de mais precioso. Lutamos braço a braço contra a morte à cabeceira do doente e vencemos. E o senhor não tem na sua ciência um bálsamo, um alívio sequer para os meus sofrimentos. (*Caindo num choro convulso nos braços de Martins.*) Ah! Doutor, Doutor!... Não pode avaliar que dor pungente é a humilhação.

CENA III

OS MESMOS e MARIA PRAXEDES

MARTINS — Acalme-se, minha senhora, acalme-se!

MARIA (*Entrando de chapéu.*) — Luísa! Luísa!...

LUÍSA — Bom-dia, minha mãe! (*Maria abraça-a.*)

MARIA — Estás tão fraca, tão abatida! Por que não vais descansar?

LUÍSA — Não tenho nada.

CENA IV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando.*) — Lá está no consultório um doente à espera da senhora!... Eu quis dizer-lhe que a menina não estava em casa, mas se não quer ir vê-lo olhe que ainda está em tempo. Graças a Deus até hoje ainda ninguém me pilhou em mentira; mas sendo preciso, prega-se uma e até duas. Lá por isso não seja a dúvida. Olhe, vou dizer-lhe que a patroa não está. Está dito?

LUÍSA — Não, vou vê-lo.

MARTINS (*A Luísa, que se despede dele.*) Calma e resignação.

LUÍSA — É o único remédio que me dá? Bem. Verei o partido que cumpre tomar. (*Sai.*)

EULÁLIA — Ai! meu Deus! que desgraça. (*Sai.*)

CENA V

MARIA PRAXEDES e DOUTOR MARTINS

MARIA — Acabo de certificar-me pelas suas últimas palavras, Doutor, que procedeu como um verdadeiro amigo! Nem era de esperar outra coisa de sua inteligência e sobretudo do caráter nobre e elevado.

MARTINS — O fato que me foi comunicado, minha senhora, encheu-me das mais tristes apreensões.

MARIA — Não há então possibilidade de uma reconciliação, Doutor?

MARTINS — Se as rixas fossem da natureza daquelas que se dão naturalmente entre marido e

mulher; se se tratasse de um desses temporais originados pelo ciúme e que se desfazem aos primeiros beijos em aguaceiros de lágrimas, compreendo que a felicidade pudesse raiar hoje mesmo debaixo deste teto, mas o que foi exposto por sua filha...

MARIA — São rixas ocasionadas por choques de vaidade e interesses, bem o sei, Doutor!

MARTINS — E nestas rixas, minha senhora, não encontrei a mulher. Vi apenas uma criatura híbrida, que não é por certo a companheira do homem.

MARIA — Tem razão, Doutor!

MARTINS — E no entanto, eu, que assim penso e que assim falo, amo nas mesmas condições.

MARIA — A Bacharela Carlota de Aguiar! Já o tinha desconfiado!

MARTINS — Aquele demoninho pernóstico com os seus ares enfatuados de homem, mas em que a mulher transparece cheia de encantos, tem-me transtornado por tal forma a cabeça que, confesso, ainda mesmo vendo as barbas do vizinho a arder, não me sinto com forças de pôr as minhas de molho.

MARIA — Está então como vulgarmente se diz, chumbado?

MARTINS — Chumbadíssimo. Amarrou-me para sempre, não há dúvida, aconteça o que acontecer.

CENA VI

OS MESMOS e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando.*) — Venho do seu escritório. Então, está resolvida a situação da minha doutora?

MARTINS — Uma situação daquelas não se resolve assim.

PRAXEDES — Aquilo não é nada, absolutamente nada! Minha mulher faz de qualquer coisa um bicho-de-sete-cabeças e vê tudo neste mundo pelo lado pior.

MARIA — O divórcio! A desgraça de uma mulher. Não é nada?

PRAXEDES — Qual divórcio! Qual desgraça de uma filha! O que houve, Doutor, foi uma briga mais forte, mas uma briga muito natural. O rapaz, novo, formado há pouco tempo, a rapariga formada no mesmo dia... Ambos inteligentes, muito estudiosos e com o sangue na guelra. Um não quer ficar por baixo, a outra quer ficar por cima. Dizem-se muitas coisas reciprocamente. Engalfinham-se com todos aqueles termos técnicos; mas passada a trovoada voltam de novo à vida calma e serena do lar... como se nada tivesse acontecido.

MARTINS — O Senhor Manuel Praxedes é otimista!

PRAXEDES — Vejo as coisas como são.

MARIA — Como são? Como um verdadeiro doente; é o que tu deves dizer.

PRAXEDES — Ah! Ah! Ah! Pois minha mulher não está a fazer trocadilhos, Doutor?... Tem graça... Tem graça... Ora, pois, estamos todos alegres; isto é o que eu quero!

MARIA — Alegres?!...

PRAXEDES — Alegres, sim! Deixa o divórcio! (*A Martins.*) Sabe, Doutor, que tenho uma idéia, um ideão?

MARTINS — Não é para admirar, com o seu gênio empreendedor!...

PRAXEDES — Chi!... Que empresa! que empresa, Doutor!

MARIA — Há de ser igual à da fábrica de papel.

PRAXEDES — Já tardava. A senhora em vez de me admirar...

MARTINS — O que vem a ser então?

PRAXEDES — Imagine lá o que é.

MARTINS — Não sei.

PRAXEDES — Uma companhia galinicultura. (*Abrindo um rolo de papel que traz na mão e mostrando a Martins.*) Aqui estão os modelos dos fornos. Segundo os cálculos feitos, com meia dúzia de capões apenas, um galo vigilante e dois procriadores, estou habilitado a inundar de galinhas os mercados de toda a América!

MARIA — E da Europa.

PRAXEDES — E não diga a senhora brincando; porque se até aqui temos importado ovos de Portugal, doravante, com a minha empresa, tomaremos a desforra exportando para lá galinhas. O lucro é certíssimo! Olhe, vou explicar-lhe. (*Tirando do bolso um papel.*)

MARTINS (*Tirando o relógio.*) — Esperam-me no escritório...

PRAXEDES — Vai para baixo ou para cima?

MARTINS — Para baixo.

PRAXEDES — Acompanho-o.

MARTINS — Enganei-me, vou para cima!

PRAXEDES — Acompanho-o também. É indiferente. Em caminho mostrar-lhe-ei que isto é negócio que não falha. Está tudo calculado, muito bem calculado.

MARIA (*A Praxedes.*) — Pois então abandonas tua filha no estado em que ela está?

PRAXEDES — Que estado? Pois eu já te disse que isto não é nada. Eu volto logo. Adeus. (*Despedem-se os dois de Maria e saem.*)

CENA VII

MARIA e EULÁLIA

EULÁLIA — A senhora ainda de chapéu! (*Tira-lho.*) A menina lá está a dar consultas, coitadinha! Olhe que é forte! Benza-a Deus! (*Tocam a campainha.*) Estão batendo.

EULÁLIA — Há de ser algum doente. Vou dizer-lhe que a menina não está em casa. Isto assim não pode continuar. A coitadita passou a noite no sofá do consultório a dar de vez em quando suspiros, muito ansiada... (*Tocam.*) Espere lá, não tenha pressa. Olhe, senhora, eu não devo meter-me nestas coisas, porque quem se mete nos negócios alheios sai sempre mal. O defunto meu pai, que Deus haja, costumava dizer: cada um deve tratar da sua vida, que já não faz tão pouco. Mas, se numa comparação, eu fosse casada com um homem que me estimasse como o patrão estima a patroa, não estava cá a brigar todos os dias por causa desta cambada de doentes. (*Tocam.*) Espere lá, tem muita pressa? A senhora não acha que...

MARIA — Vai ver quem bate! (*Tocam.*)

EULÁLIA — Lá vou, lá vou!... (*Sai.*)

MARIA (*Suspirando.*) — Ai! Ai! (*Segura o chapéu que Eulália pôs sobre a mesa e sai.*)

CENA VIII

EULÁLIA e CARLOTA

EULÁLIA — A Senhora Bacharela tenha a bondade de assentar-se. Vou chamar meu amo. (*Sai. Carlota que deve vir elegantemente vestida mira-se no espelho, endireita a rosa que traz no peito do casaco. Luísa entra, fica à porta a observá-la, por algum tempo. Carlota vendo-a pelo espelho volta-se para falar-lhe.*)

CENA IX

CARLOTA e LUÍSA

CARLOTA — Apresento à ilustre Doutora a curvatura dos meus sinceros respeitos.

LUÍSA (*Secamente.*) — Bom-dia, minha senhora!

CARLOTA — Recebi ontem uma intimação do meu amigo Doutor Pereira.

LUÍSA — O seu amigo já vem.

CARLOTA — Creio que se trata de negócio pertencente à minha profissão.

LUÍSA — Ou outro qualquer, a senhora deve sabê-lo melhor do que eu!

CENA X

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*A Carlota.*) — Doutora. Esperava-a ansiosamente. (*Cumprimentando secamente Luísa.*)

CARLOTA — Se fui serôdia, ou para servir-me da linguagem vulgar, se não cheguei à hora estipulada, peço-lhe mil desculpas.

DR. PEREIRA (*Para Luísa que não deixou de olhar Carlota.*) — Preciso conferenciar nesta sala com a minha advogada. (*Luísa sai olhando sempre Carlota e esconde-se atrás da cortina da porta do fundo à esquerda, conservando-se ali durante o diálogo.*)

CENA XI

DOUTOR PEREIRA e CARLOTA

DR. PEREIRA — Sentemo-nos.

CARLOTA — Trata-se...

DR. PEREIRA — Do meu divórcio.

CARLOTA — Um divórcio!!

DR. PEREIRA — Em duas palavras, resumo-lhe a situação! Sou médico da ponta dos pés até a raiz dos cabelos: minha mulher é médica da raiz dos cabelos até a ponta dos pés. Viver, para mim, é clinicar, clinicar, para ela, é viver. Não podemos clinicar juntos, o que quer dizer que juntos não podemos viver. Diga-me agora o que a sua ciência do Direito pensa a respeito.

CARLOTA — *Difficilem rem postulasti.* O nosso Direito, eivado de arcaísmos, não cogitou propriamente da hipótese.

DR. PEREIRA — Se não cogitou, estamos aqui a perder tempo.

CARLOTA — Perdão; eu disse não cogitou propriamente; mas a toda a lei se interpreta...

DR. PEREIRA — Se torce, é o que quer dizer.

CARLOTA — *Scire leges non est verba carum tenere sed vim ac potestatem.* Para prosseguir na concatenação lógica das linhas de clinicar, originavam-se rixas ou doestos domésticos?

DR. PEREIRA — Constantes. E é por causa deles...

CARLOTA — Bem. Nestas rixas trocaram-se talvez verbos incandescentes que escoriavam pelo menos a epiderme do amor próprio de cada um.

DR. PEREIRA — O amor próprio e os interesses.

CARLOTA — O legislador assinalou apenas duas causas para o divórcio: adultério e sevícias. Há ainda uma causa que os canonistas chamam *impedimentos derimentes*, mas... está fora da questão.

DR. PEREIRA — Não posso alegar a primeira.

CARLOTA — Mas havemos de ganhar a demanda pela segunda. Pela segunda, sim, porque constituindo injúrias esses verbos incandescentes das rixas, o que são essas injúrias senão verdadeiras sevícias morais?... O seu caso é o que os canonistas cognominam no idioma vernáculo — incompatibilidade de caracteres.

DR. PEREIRA — Aconselha-me então...

CARLOTA — Que proponha a ação. E havemos de ganhá-la.

DR. PEREIRA — Bem. (*Levanta-se.*)

CARLOTA — Que sucesso piramidal! Vai ver como vou aureolar de glória o meu nome. Hei de mostrar a esses miseráveis apedeutas o que há debaixo desta arcada craniana. (*Bate na testa.*)

DR. PEREIRA — Decidido porém o divórcio, ficarei numa posição anômala.

CARLOTA — Anômala?

DR. PEREIRA — Quero dizer que não serei nem solteiro, nem casado, nem viúvo!

CARLOTA — Pode casar perfeitamente.

DR. PEREIRA — E a indissolubilidade do contrato?

CARLOTA (*Com indiferença.*) — Desaparecerá... com uma simples mudança de religião.

DR. PEREIRA — Ah! (*Fica pensativo.*)

CARLOTA — E uma vez desembaraçado, o meu amigo escolherá para esposa não outra médica; mas sim uma engenheira... uma advogada... (*Luísa tem um ímpeto de indignação, quer entrar em cena mas, arrepende-se, e esconde-se de novo.*)

DR. PEREIRA — Então, Doutora, posso dar uma lição em minha mulher?

CARLOTA — Pode.

DR. PEREIRA — A que horas está amanhã no seu escritório?

CARLOTA — Amanhã é... Logo escrever-lhe-ei mandando dizer-lhe qual o dia e a hora em que deve procurar-me. (*Apertando-lhe a mão.*) Adeus! (*Pereira aperta-lhe a mão e ela sai.*)

CENA XII

DOUTOR PEREIRA e LUÍSA

LUÍSA (*Sofrendo a raiva.*) — Esteve com a sua advogada?

DR. PEREIRA — Sim, senhora.

LUÍSA — Uma advogada é sempre preferível a um advogado.

DR. PEREIRA — As mulheres são mais inteligentes que os homens.

LUÍSA — Obrigada... pela parte que me toca!

DR. PEREIRA — Não há de quê!

LUÍSA — Sobretudo quando a advogada vem à casa do constituinte toda coquete, de rosa ao peito.

DR. PEREIRA — Isto então é ouro sobre azul.

LUÍSA — E que sem o menor pudor ou respeito para com o decoro do seu sexo, aconselha ao cliente que mude de religião. (*Pereira olha para ela admirado.*) Ouvi tudo daquela porta. E só Deus sabe o esforço que fiz, a luta que travei comigo para não esbofetear essa mulher e pô-la fora desta casa que ainda é minha.

DR. PEREIRA — A senhora esquece-se de que na posição em que nos achamos...

LUÍSA — Ah! ela queria vê-lo livre e desembaraçado... Para isto bastavam duas coisas apenas, duas coisas insignificantes, na opinião daquela miserável, torcer a lei e renegar as crenças!

DR. PEREIRA — A minha resolução está tomada, minha senhora, não posso nem devo ouvi-la neste terreno. *(Sai.)*

CENA XIII

LUÍSA, EULÁLIA e MARIA

(Luísa acompanha-o quase rompendo; detém-se e desce, caindo na cadeira à esquerda do sofá.)

EULÁLIA — Um chamado para a senhora! Creio que é negócio urgente! O homem está lá embaixo. É um sujeito gordo, coitado! Muito esbaforido, quase que nem pode falar.

MARIA *(Entrando e vendo Luísa a soluçar.)* — Minha filha! *(Abraçando-se ambas.)*

LUÍSA — Ah! minha mãe! minha mãe! Sou uma desgraçada!

EULÁLIA — O que é isto, a menina está a chorar?

LUÍSA — Passa-se dentro de mim qualquer coisa de estranho, de anormal, que eu não sei explicar!

EULÁLIA — Isto é flato, senhora: vou lá dentro, enquanto o diabo esfrega um olho, fazer-lhe um chazito de capim-limão. Esfregue-lhe os pulsos, patroa, esfregue-lhe os pulsos enquanto eu vou preparar-lhe o chá! Ai! Ai! Meu Deus, que desgraça! O que há de acontecer mais nesta casa. *(Sai.)*

CENA XIV

MARIA e LUÍSA

LUÍSA *(Agitada.)* — Meu marido tem uma advogada.

MARIA — A Carlota de Aguiar?

LUÍSA — Uma miserável, uma infame, uma mulher sem pudor.

MARIA *(Alegre.)* — Bravo, minha filha!...

LUÍSA — Que lhe aconselha que se divorcie, que mude de religião, que se lhe oferece até para substituir-me. Ouvi tudo daquela porta, minha mãe... Não sei como não morri. A minha cabeça estala! *(Senta-se à esquerda.)*

CENA XV

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA *(Entrando com o chá.)* — Aqui está o chazito. Tome, patroa, enquanto está quente.

MARIA — Leva isto para dentro!

EULÁLIA — Tome o chá que é muito bom.

MARIA — Leva, já te disse. .. *(Eulália sai.)*

CENA XVI

LUÍSA e MARIA PRAXEDES

LUÍSA — Eu imaginava que não pudesse haver neste mundo sofrimento mais terrível que a

humilhação. Todos os golpes, porém, que me feriram a vaidade, são mil vezes mais ligeiros do que este que me fere diretamente aqui. (*Aponta o coração.*) É o coração da mulher, minha mãe.

MARIA — Não é um músculo oco, como dizias, Luísa?!

LUÍSA — Não: há dentro dele sentimentos que eu fingia ignorar. Eu enlouqueço! Ai! minha cabeça! minha cabeça!

CENA XVII

AS MESMAS, DOUTOR PEREIRA *e depois* EULÁLIA

DR. PEREIRA (*De chapéu na mão para Luísa.*) — Disse-me há pouco, minha senhora, que esta casa ainda era sua... Fique em paz nos seus domínios. Eu me retiro.

LUÍSA (*Tomando-lhe a frente.*) — Há então outra mulher que pretende substituir-me?

EULÁLIA (*Entrando.*) — Oh! patroa, que resposta devo dar ao homem que está lá todo esbaforido? Além deste chegaram mais dois com chamados urgentes.

LUÍSA (*Agitada.*) — Manda-os embora, todos, entendes? Vai lá embaixo, arranca da porta da rua a placa que anuncia o meu nome. Já não sou a Doutora Luísa Pereira. Sou uma miserável mulher que não tem a dignidade precisa para repelir um homem que a repudia. Vai. (*Eulália sai.*)

CENA XVIII

OS MESMOS, *menos* EULÁLIA *e* PRAXEDES

PRAXEDES (*Com uma carta.*) — Deram-me esta carta da Doutora Carlota de Aguiar para entregar-lhe.

LUÍSA — Esta carta pertence-me. (*Arranca-lhe a carta e lê.*) Espero-o amanhã no meu escritório à uma hora da tarde. Estarei só. (*Atirando a carta ao chão; a Pereira.*) Saia, senhor... saia! (*Desata em pranto convulso e tem um ataque.*)

DR. PEREIRA — Luísa! (*Segura-a e leva-a para o sofá.*)

MARIA — Eulália! Eulália! (*A Manuel.*) Vai ver qualquer coisa lá dentro depressa!

DR. PEREIRA — Não lhe dêem nada. Ela está no seu estado interessante. (*Ajoelha-se e beija-lhe a mão.*) Luísa!

MARIA (*A Praxedes.*) — Ouviste? Ah! Praxedes! que alegria! Estamos salvos! (*Segura-lhe o rosto e dá-lhe uma porção de beijos.*)

CENA XIX

OS MESMOS *e* EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando com a placa onde se lê o seguinte letreiro: Doutora Luísa Pereira, médica. Especialidade: Moléstias de senhoras e crianças*) — Aqui está a placa! (*Vendo Maria beijar o marido, puxa o avental e tapa a cara.*) Oh! patroa!... Cruz! Credo!.

(*Cai o pano.*)

FIM DO TERCEIRO ATO

ATO QUARTO

Sala regularmente mobiliada. Ao lado um berço.

CENA I

LUÍSA e EULÁLIA

LUÍSA (*Ninando ao colo uma criança, cantarolando.*) — Tu, tu, ru, tu, tu, ru!

EULÁLIA — Deixe-me carregá-lo um pouquinho, a senhora deve estar cansada!

LUÍSA — Não sei o que ele tem hoje, está tão impertinente!

EULÁLIA (*Tirando a criança do colo de Luísa e carregando-a.*) — Não é nada, patroa!... (*Olhando-a.*) Como é bonitinho! Olhe, isto daqui para cima é a mãe, sem tirar nem pôr. (*Mostrando o nariz e a testa.*) Daqui para baixo, é o pai, escarradinho, (*Mostrando a boca e o queixo.*) e as mãozinhas então, Jesus! Nunca vi nada tão parecido.

LUÍSA — De quem são as mãos?...

EULÁLIA — Do avô, patroa. Até tem as unhas fêmeas como as dele.

LUÍSA — Neste andar acabarás por achá-lo parecido até com o meu defunto bisavô que nunca viste. (*Segurando no queixo da criança e fazendo-lhe festas.*) Estão caçoando com você, não é, meu negrinho?

EULÁLIA — Olhe lá como ele ri!... Ai que gracinha!

CENA II

AS MESMAS e MARIA

MARIA — Dá cá, dá cá este ladrãozinho, que ainda não segurei nele hoje! (*Tira-o do colo de Eulália e carrega-o.*)

LUÍSA — Não o acha um pouco abatido, minha mãe?

MARIA — Qual, menina! Está tão coradinho!

EULÁLIA — A patroa permite que eu meta o meu bedelho onde não sou chamada?

LUÍSA — O que é?

EULÁLIA — Eu acho que dão banhos demais nesta criança!

MARIA — Querias então que ele não se lavasse?

EULÁLIA — Não, ora, mas é que esses banhos de corpo esfregado, zás, zás, que te zás, com uma esponja tiram muito a sustância duma pobre criatura. O que convém é um banho de sapapos.

LUÍSA — Mas que história é essa de banhos de sapapos?

EULÁLIA — Pois a patroa não sabe? Deita-se o pequenino dentro da bacia e a gente de longe, com a mão aberta, vai-lhe jogando água em cima. (*Imitando o barulho d'água.*) Xoque! Xoque! Xoque!

LUÍSA — Tens cada lembrança...

EULÁLIA — Eu cá nunca tomei banhos senão de sapapos e olhe a senhora que tenho-me dado muito bem com eles!

CENA III

OS MESMOS e PRAXEDES

PRAXEDES (*Entrando e querendo tirar a criança.*) — Vem para o colo de vovô, meu bem!

MARIA — Deixa-o aqui. Ele está tão bem!

PRAXEDES — Mas há dois dias que não lhe faço uma festinha.

MARIA (*Falando com a criança.*) — Com quem você quer ir? Com o vovô ou com a vovó?

EULÁLIA — Está rindo outra vez! Olhe que gracinha!

PRAXEDES — Se está rindo é por que quer vir comigo. (*Tira-o e carrega-o.*)

MARIA — És muito desajeitado! Não é assim que se carrega uma criança!

PRAXEDES — Então como é?! Quem é que carregava aquela quando era pequenina? (*Indica Luísa.*)

EULÁLIA — Lá isso é verdade, senhora! O patrão sempre teve muito jeito para ninar a menina. Todas as vezes que a carregava ao colo ela principiava a berrar que era um Deus nos acuda!

PRAXEDES — O que é isto lá?

EULÁLIA — A verdade manda Deus que se diga, patrão. De uma feita ainda me lembro que até lhe arranhou o nariz!

PRAXEDES — Não é tal, tu é que foste sempre muito bruta!

LUÍSA — Oh! papai, cuidado que está quase a cair. Não o segure assim.

CENA IV

OS MESMOS e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Entrando.*) — Venha cá, seu Luizinho... (*Tira a criança dos braços de Praxedes.*) Ainda não tomou hoje a bênção a seu papai. Como passou?

PRAXEDES — Não se pode estar aqui dois minutos com o menino.

MARIA — É verdade! Vem um puxa, vem outro pega, vem outra segura...

EULÁLIA — É a alegria desta casa, patroa!

DR. PEREIRA — O pior, é que ele já começa a ficar manhoso.

MARIA — Coitadinho.

DR. PEREIRA — E quem lhe está pondo as manhas é a senhora! (*A Maria.*) A senhora, sim! Por que é que ele quando está chorando no berço, cala a boca apenas o carregam ao colo? Por que é que quando está no colo chora e sossega logo que a pessoa que o está ninando começa a passear?

MARIA — Ora, isto é próprio de toda a criança!

DR. PEREIRA — Não é tal. É porque a senhora habituou-o a dormir no colo e passeando.

MARIA — São os avós que perdem sempre os netos.

LUÍSA — Neste ponto, minha mãe, o Pereira tem razão!

DR. PEREIRA — Hoje foi isto; amanhã há de ser outra coisa.

LUÍSA (*Tomando a criança do colo de Pereira.*) — Deixa-me levá-lo para o berço!

MARIA (*Apontando para Luísa.*) — Aquela que ali está foi educada por mim!

DR. PEREIRA — Aquela não era neta, era filha. É muito diferente.

MARIA — Quer dizer que agora sou sogra!

DR. PEREIRA — Não se zangue comigo, minha mamãezinha, mas creia que daria o mais solene cavaco se a senhora, carinhosa e desarrazoada, como são em geral todas as avós, comesse desde já a contrariar o programa da educação que imaginei para o meu rapaz.

PRAXEDES — Então tem um programa já feito?

DR. PEREIRA — Por que não?

PRAXEDES — Bravo! Bravo!... Muito bem! Eu também assim o entendo. De pequenino é que se torce o pepino. Olhe, se eu não me metesse, é verdade que já foi um pouco tarde, na educação de Luísa...

MARIA — Cala a boca, cala a boca, que é melhor!

EULÁLIA (*Ao lado de Luísa, junto ao berço.*) — Não acha que a cabecinha dele está um pouco alta? coitadito, é capaz de ficar com o pescoço torto. (*Endireita o travesseiro.*)

DR. PEREIRA — Enfim o meu programa é fazer deste rapaz um verdadeiro homem.

PRAXEDES — Foi o que eu fiz com a Luísa.

MARIA — Lá isso é verdade. Felizmente porém, a Divina Providência meteu-se no meio e ela hoje é uma mulher...

DR. PEREIRA — Veja se tenho ou não razão. A senhora começa a habituá-lo agora a dormir no calor do colo, mais tarde quando ele quiser saltar, pular, desenvolver-se, cumprir enfim as justas reclamações da natureza, há de dizer: — menino, fica quieto, menino, passa para aqui, há de amarrá-lo ao pé da mesa, prendê-lo na sala de costura. E não satisfeita com isto, incutir-lhe-á o medo do papão do quarto escuro, do pobre cego, do saci, do zumbi!... A criança educada nesta escola, onde, infelizmente, aliás, se tem formado muita gente, acabará por tornar-se um verdadeiro poltrão. Não quero isto. Meu filho há de ser um homem; mas um homem no rigor da palavra, preparado para as lutas físicas e morais da vida.

PRAXEDES — Sim, senhor!

EULÁLIA — Parece-me que ele quer mamar, senhora.

LUÍSA (*Tirando-o do berço.*) — Vamos dar um passeio. (*Vai saindo com Eulália.*)

DR. PEREIRA — Até logo.

LUÍSA — Vais sair já?

DR. PEREIRA — Tenho dois doentes na vizinhança!

LUÍSA (*Falando para o menino.*) — Dá um beijinho em papai!

DR. PEREIRA (*Beijando-o.*) — Adeus seu Luís, veja lá como se porta.

LUÍSA (*Falando pelo menino.*) — Deixe estar, papai, que eu hei de portar-me muito bem. Eu já sou um homem de juízo. (*Pereira sai.*)

EULÁLIA (*Acompanhando Luísa, que vai a sair.*) — Olhe como ele abre a boca! Está-se espreguiçando, coitadinho. (*Saem.*)

CENA V

MARIA e MANUEL PRAXEDES

PRAXEDES — Deves estar contente. Já és sogra!

MARIA — Contentíssima!

PRAXEDES — Mas vamos a saber de uma coisa, e isto para mim é o mais importante: Luísa deixou definitivamente a clínica?

MARIA — Ainda o duvidas?

PRAXEDES — Pois então por um mero capricho, por uma fantasia, por uma caraminhola que se encaixou na cabeça, ela atira sem mais nem menos pela janela fora o seu futuro?

MARIA — Que futuro?

PRAXEDES — Ora que futuro! O futuro dela. Está visto que não há de ser o teu nem o meu.

MARIA — Mas o futuro dela é o presente que estamos vendo.

PRAXEDES — Carregar o filho e dar-lhe de mamar?...

MARIA — Sim.

PRAXEDES — Mas, para amamentar uma criança não era preciso cursar seis anos uma Academia. Se eu a tivesse destinado para isso tinha dado outra orientação à sua vida.

MARIA — Que queres? As leis da natureza são mais fortes que a vontade dos reformadores.

PRAXEDES — Não! Isto não pode continuar assim. A menina tinha uma carreira brilhante diante de si. O seu nome principiava a ser conhecido, a clínica aumentava de dia para dia, e com ela o interesse do casal.

MARIA — O que pretendes fazer?

PRAXEDES — O que pretendo fazer?

MARIA — Sim.

PRAXEDES — Vou ter uma conferência com Luísa.

MARIA — Para quê?

PRAXEDES — Para dizer-lhe que não seja tola, que mande recolocar a placa na porta da rua e continue a clinicar, porque este é o seu meio de vida.

MARIA — E quem dá de mamar ao filho, ao teu neto, pelo qual és um verdadeiro babão?

PRAXEDES — Ora, mulher, pois faltam por aí amas-de-leite para o netinho?

MARIA — E achas isso natural? Olha, meu amigo, se a galinicultura, com todos os seus galos vigilantes e procriadores não é bastante para satisfazer a tua atividade, trata de arranjar outra empresa. Há tanta coisa por aí. Um elevador para o Pão de Açúcar por exemplo, um túnel submarino para a Praia Grande, um restaurante no Bico do Papagaio, uma nova fábrica de papel, se quiseres... Mas pelo amor de Deus, deixa em paz a vida de Luísa.

PRAXEDES — Paz! Paz! A vida é a luta, senhora. E o que a senhora chama de paz, não é paz!

MARIA. — O que é então?

PRAXEDES — É pasmaceira. Não posso nem devo consentir que a Doutora Luísa Pereira, ou antes, que a Doutora Luísa Praxedes, como é conhecida, sacrifique a posição brilhante que já tinha conquistado.

MARIA — Aos deveres... de mãe!

PRAXEDES — Aí vem a senhora com a cantilena de todos os dias; os deveres de mãe... Pois ela não pode ser mãe e médica ao mesmo tempo? Não quer chamar uma ama, quer dar de mamar ao pequeno... Pois que dê de mamar e clique... uma coisa não impede a outra...

MARIA — Com esta lógica prática...

PRAXEDES — E além disso sendo a especialidade dela moléstias de crianças, nada mais natural do que ser chamada para a clínica daquelas enfermidades a médica que tem filhos. Pelo menos está mais experimentada.

MARIA — Queres então fazer reviver nesta casa as lutas de outrora! Há um ano, pouco mais ou menos, quando me disseste: — se eles tivessem um filho, não entrava em tua mente o sonho de felicidade que presenciamos? O que sonhavas então?

PRAXEDES — Não sonhava coisa alguma; não tenho por hábito sonhar. Desejei-lhe um filho, porque sempre ouvi dizer que os filhos apertam mais os laços conjugais. Mas o que eu nunca podia prever, é que ele desse este resultado. Isto não está direito.

CENA VI

OS MESMOS e LUÍSA (*Carregando o filho.*)

PRAXEDES — Não largas esse menino?

LUÍSA — Estou muito aflita, papai. Coitadinho! Esteve lá dentro a chorar, tão inquieto. Veja se ele tem febre!

PRAXEDES — A mim é que tu o perguntas?

LUÍSA — Veja, mamãe: a Eulália. disse-me que o pulso estava regular.

PRAXEDES — Pois também foste consultar a Eulália! Ora, louvado seja Deus!!!

CENA VII

OS MESMOS e EULÁLIA

EULÁLIA (*Entrando com um pires na mão.*) — Cá está, patroa, cá está. Isto não é nada: o que o pequeno tem é uma dor de barriga.

MARIA — O que é que trazes aí no pires?

EULÁLIA — Algodão queimado com óleo de amêndoas doces, senhora! É um santo remédio. Chimpa-se isto no umbigo da criança e não há dor de barriga que lhe resista.

LUÍSA — Vamos, Eulália, vamos!

EULÁLIA — O melhor é levá-lo para o berço! (*Luísa leva a criança para o berço.*)

MARIA (*Baixo a Praxedes.*) — Vai ali junto àquele berço e se és capaz convence a tua doutora de todas essas belas teorias que pregaste há pouco. Anda, vai, meu reformador!

PRAXEDES — Parece incrível!

LUÍSA — Dir-se-ia que está mais aliviadinho.

EULÁLIA (*Aplicando o curativo.*) — Ora, ora! Daqui a pouco está a dormir que é um gosto. É santo remédio, senhora! Quisera de contos de réis às vezes que fomentei o umbigo da menina com isto. Uma ocasião ainda me lembro.

LUÍSA — Não faças barulho, ele está dormindo!

PRAXEDES (*Consigo.*) — Contado não se acredita!

LUÍSA — Psiu! Papai! Pode acordá-lo... (*A Maria, dirigindo-se para a esquerda.*) Não faça barulho, mamãe! (*Maria sai nas pontas dos pés pela esquerda. Praxedes senta-se pensativo. Eulália e Luísa embalam o berço.*)

CENA VIII

LUÍSA, EULÁLIA, PRAXEDES e DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA — Acabo de estar neste instante com o Doutor Martins.

PRAXEDES — Ia com a senhora, a Carlota de Aguiar?

DR. PEREIRA — Com a senhora e uma ama toda cheia de fitas e carregando o primeiro bebê.

LUÍSA — Já tem um filho a Carlota?

DR. PEREIRA — Ora que admiração! Estão casados há um ano e tanto.

LUÍSA — É rapaz, ou menina?

DR. PEREIRA — Uma menina e muito bonitinha. Quando me lembro que tiveste ciúmes... (*Luísa baixa a cabeça.*) Confessa, vamos lá, que foste uma grande tolinha.

LUÍSA — Ainda está muito pedante?

DR. PEREIRA — A mesma coisa.

PRAXEDES — Era uma rapariga inteligente.

DR. PEREIRA — Viva...

PRAXEDES — E creio que abandonou o foro, porque há muito tempo não lhe tenho visto o nome nos jornais.

DR. PEREIRA — Vive para a sua Luisinha. Ah! a pequena chama-se Luísa, é tua xará.

LUÍSA — E o nosso, Luís.

DR. PEREIRA — É verdade, que coincidência!

PRAXEDES (*Pensando.*) — Então abandonou tudo?

DR. PEREIRA — Tudo. O marido foi nomeado Presidente para o Amazonas.

PRAXEDES — O Doutor Martins mandou-me participação de casamento. Eu e minha mulher não o fomos visitar... Também depois das cenas que se deram...

DR. PEREIRA — Comuniquei que estávamos morando juntos. Mostrou grande desejo de ver-nos. “Por que não vai até lá em casa” disse-lhe eu. “Ora, não sei!” balbuciou. Afinal, disse-lhe a mulher: “Vamos, mas há de ser hoje, porque partimos amanhã.” Daqui a pouco, portanto, devem estar aí. Fiz bem ou mal?

LUÍSA — Fizeste bem.

DR. PEREIRA — És um anjo! (*Tocam a campainha fora. A Eulália.*) Vê quem toca.

LUÍSA (*Mostrando o pequeno a Pereira.*) — Olha como está gordinho... Vou pôr-lhe ao pescoço duas figas.

DR. PEREIRA (*Rindo.*) — Para livrá-lo do mau olhado?! Pois acreditas também nisso?!

LUÍSA — Não sei!

DR. PEREIRA (*Rindo.*) — Aposto que acreditas!

LUÍSA — Acredito. (*Esconde o rosto no peito de Pereira.*)

DR. PEREIRA — Tolinha. (*Saem os dois.*)

CENA IX

MANUEL e EULÁLIA

Manuel fica pensativo por instantes; depois levanta-se, vai ao berço e embala a criança.

EULÁLIA (*Entrando.*) — Um chamado para a patroa.

PRAXEDES (*Levantando-se.*) — Para Luísa?

EULÁLIA — Sim, senhor...

PRAXEDES — Vai já avisá-la.

EULÁLIA — Avisá-la? Nessa não caio eu!

PRAXEDES — Vai avisá-la, já te disse.

EULÁLIA — Quem eu vou chamar é o patrão, esse sim.

PRAXEDES — Mas o doente é para ela ou para ele?

EULÁLIA — Agora não há aqui mais para ela, nem para ele! E admira-me bastante que o patrão morando nesta casa ainda não saiba que a menina abandonou de uma vez todos os doentes.

PRAXEDES — De uma vez não. Ficou assentado, logo que ela se sentiu no seu estado interessante, que deixaria a clínica por algum tempo.

EULÁLIA — Pois deixou para sempre, senhor! O único doente que ela tem agora é estezinho. (*Aponta para o berço.*) E creia que este dá-lhe mais que fazer que todos os outros juntos.

CENA X

OS MESMOS e LUÍSA

PRAXEDES — Se o chamado é para Luísa, não tens o direito de pregar uma mentira.

EULÁLIA — Mas eu não minto, senhor, nunca menti. Menos essa!

LUÍSA (*Que tem entrado e está junto ao berço.*) — O que é isto, Eulália?

EULÁLIA — E o senhor que está aqui a dizer que eu minto. A senhora algum dia apanhou-me em mentira?

LUÍSA — Mas o que foi?

PRAXEDES — Nada mais, nada menos, que um chamado para ti.

LUÍSA — Para mim?

EULÁLIA — Sim, senhora!

LUÍSA — Então vai já avisar meu marido!

EULÁLIA — Era o que eu ia fazer. Mas o patrão pôs-se aqui com uma lenga-lenga muito grande, e sem mais nem menos, zás! chimpa-me na bochecha: — Você é uma mentirosa! Ora, senhora, isto dói, é preciso confessar que dói muito, sim, porque, no fim de contas por mais baixa que seja uma pobre criatura de Deus...

LUÍSA — Está bem, vai chamar meu marido.

EULÁLIA — Se eu já tivesse sido apanhada em mentira.

LUÍSA — Tens razão.

EULÁLIA — Eu sou uma mulher honrada.

LUÍSA — Sim, sim.

EULÁLIA — Fique a patroa sabendo que no Porto rejeitei propostas muito vantajosas e não era cá meia dúzia de mequetrefes. Eram viscondes e barões, sujeitos apatacados. Se quisesse escorregar, senhora, podia estar hoje muito bem!

LUÍSA — Já sei, já sei, Eulália.

EULÁLIA — As injustiças doem.

LUÍSA — Sim, sim, sim; mas vai chamar teu amo! (*Eulália sai resmungando.*)

CENA XI

LUÍSA e MANUEL PRAXEDES

LUÍSA — Coitada! É uma boa alma! E ultimamente tem sido tão carinhosa para meu filho!

PRAXEDES — Ora! Até dá-lhe remédios!

LUÍSA — É verdade!

PRAXEDES — O que me admira é que os aceites.

LUÍSA — E por que não?

PRAXEDES — Não valia a pena surrar durante 6 anos os bancos de uma Academia e encetar brilhantemente a clínica, afrontando estúpidos preconceitos sociais para chegar a este triste resultado!

LUÍSA — Triste resultado?

PRAXEDES — Sim. Queres nada de mais triste, para uma mulher em tuas condições! que papel representas hoje?

LUÍSA — O único, meu pai, que pode e deve representar uma mulher.

PRAXEDES — Então o juramento que prestaste no dia do teu grau de socorrer todos aqueles que te viessem bater à porta...

LUÍSA — Meu pai: dizem que o cérebro da mulher é fraco. Pois bem, por um sentimento de vaidade, que dizem também ser inato em nosso sexo, eu enchi esse cérebro de tudo quanto a ciência pode ter de mais grandioso e mais útil. Percorri com coragem inaudita toda a escala do saber humano na minha especialidade. Calquei ódios e vaidades dos colegas, ergui a cabeça, sem corar, acima desses preconceitos sociais de que falou há pouco e que eu também considerava estúpidos! Venci. Entrei na sociedade triunfante com o meu título. O prestígio que se formou em torno do meu nome fez-me

esquecer de que era uma mulher... A glória atordoava-me... Dentro de mim sentia, porém, qualquer coisa de vago, de estranho, que não sabia explicar! Eu que muitas vezes no anfiteatro havia apalpado o coração humano, que o tinha dissecado fibra por fibra, que pretendia conhecer-lhe a fundo a fisiologia! Desconhecia entretanto, o sentimento mais sublime que enche todo esse órgão. Tudo quanto aprendi nos livros, tudo quanto a ciência podia dar-me de conforto, não vale o poema sublime do amor que se encerra neste pequeno berço!

PRAXEDES — Então esta criança...

LUÍSA — É bastante, meu pai, para encher toda a minha alma.

PRAXEDES — Mas minha filha, já não te falo em glórias, no prestígio do teu nome, nos compromissos que tomaste para com a sociedade, olha um pouco para os teus interesses, que não podes desprezar, por amor mesmo deste que aqui está (*Aponta o berço.*) e diz-me com toda a franqueza: é justo que abandones por um falso ponto de vista, a missão sublime que tinhas no teu casal, cooperando honestamente para a formação e o aumento do pecúlio dele?

LUÍSA — O pecúlio do casal, pelas leis naturais, meu pai, compete ao marido...

PRAXEDES — Então abandonas todos os teus direitos, todas as tuas obrigações, todos os teus deveres?

LUÍSA — Tudo; exceto a felicidade de criar e educar meu filho.

CENA XII

OS MESMOS *e o* DOUTOR PEREIRA

DR. PEREIRA (*Dirigindo-se ao berço.*) — Este maganão ainda está dormindo?

LUÍSA — Ainda. Não o acordes. Recebeste um chamado?

DR. PEREIRA — Já vou. É para o Luís Maria, o dispéptico mais maçante que tenho na minha clínica!

CENA XIII

OS MESMOS *e* EULÁLIA

EULÁLIA — Oh! patroa, sabe quem está aí? Aposto que não adivinha.

LUÍSA — Quem é?

DR. PEREIRA — É o Martins com a mulher.

EULÁLIA — É verdade. A senhora não imagina como está engraçada a ama da menina. Tem uma touca deste tamanho, (*Indica.*) com duas fitas enormes que arrastam até o chão. Mando-os entrar para aqui mesmo?

DR. PEREIRA — Sim. (*Eulália sai.*)

LUÍSA (*Para Pereira.*) — Aposto em como a filhinha dele não é mais bonita que o nosso Luís.

DR. PEREIRA — Vaidosa!

CENA XIV

OS MESMOS, MARTINS, CARLOTA *e a ama* (*Com uma criança.*)

MARTINS (*Apertando a mão de Pereira.*) — Já vês que cumprimos a nossa palavra!

DR. PEREIRA — E que eu os recebo como amigos antigos, sem a menor cerimônia nesta sala onde Luísa passa os dias a namorar o seu bebê.

CARLOTA — Quero vê-lo! Quero vê-lo! (*Luísa leva-a ao berço.*)

LUÍSA — Está acordado, felizmente. (*Tira-o do berço e entrega-o a Carlota.*)

CARLOTA (*Com a criança ao colo.*) — É um querubim rafaelesco! Como está gordo e anafado! Dir-se-ia uma rósea aurora de maio!

DR. PEREIRA — Gosta muito de crianças?

CARLOTA — Adoro-as! (*Mostra a Martins.*) Olha, meu Lacinho.

PRAXEDES — Seu Lacinho?

MARTINS — É o poético diminutivo por que sou hoje conhecido em casa.

LUÍSA — Deixe-me ver agora a sua. Já sei que é uma menina.

CARLOTA — É verdade.

LUÍSA (*Tirando a criança do colo da ama.*) — Oh! É muito bonitinha!

MARTINS — Sai ao pai!

CARLOTA — Tem paciência, meu Lacinho, mas todos dizem que ela é sem tirar nem pôr a minha efígie.

LUÍSA (*Mostrando a Pereira.*) — Olha!

DR. PEREIRA — E muito galante!...

LUÍSA (*A Carlota.*) — E a senhora que a está amamentando?

CARLOTA — Sim, e a senhora também cria o seu?

LUÍSA — Também!

CARLOTA — Coitadinha! A minha veio chorando tanto no bonde. Creio que tem fome. Se me permitisse...

LUÍSA — Que lhe dê de mamar? Pois não! Vou fazer o mesmo ao meu. (*Trocam as crianças: Luísa senta-se de um lado e dá de mamar ao filho; Carlota faz o mesmo do outro lado.*)

PRAXEDES (*A Carlota.*) — Então o foro, a candidatura, a Deputação Geral pela corte, os projetos grandiosos da reforma da nossa legislação...

CARLOTA — Chi!... Está toda molhada! (*Para a ama.*) Vê aí um cueiro. (*A ama tira um cueiro que deve trazer dentro de uma cesta e entrega-o a Carlota que vai pô-lo na criança, entregando o molhado à ama.*)

MARTINS (*A Praxedes.*) — Quer resposta mais eloqüente? O senhor pergunta-lhe pelos sonhos de ontem, ela responde-lhe com o cueiro da sua Luisinha.

PRAXEDES — Afinal tudo isto acabou em cueiros!

CENA XV

OS MESMOS, MARIA e EULÁLIA

MARIA — Bravo! Bravo! As duas doutoras amamentando os filhinhos! (*Para Carlota que quer levantar-se para falar-lhe.*) Não se incomode. (*A Martins.*) Dê-me um abraço. (*Martins abraça-a.*) É, na realidade, feliz!

EULÁLIA (*Entrando.*) — Ele não quer mamar, senhora! Eu o carrego! (*Toma do colo de Luísa a criança.*)

MARIA (*A Praxedes.*) — Olha, meu amigo, em que deu o teu programa filosófico, político, moral e social, a tua evolução do futuro.

PRAXEDES — Sim, mas não perdi de todo o meu latim. (*Tomando a criança e mostrando-a a todos.*) Aqui está um médico de raça! (*Dá-lhe muitos beijos.*)

EULÁLIA — De raça! Ai que reinação! Ah! Ah! Ah!

(Cai o pano.)

FIM